

Desafios 7

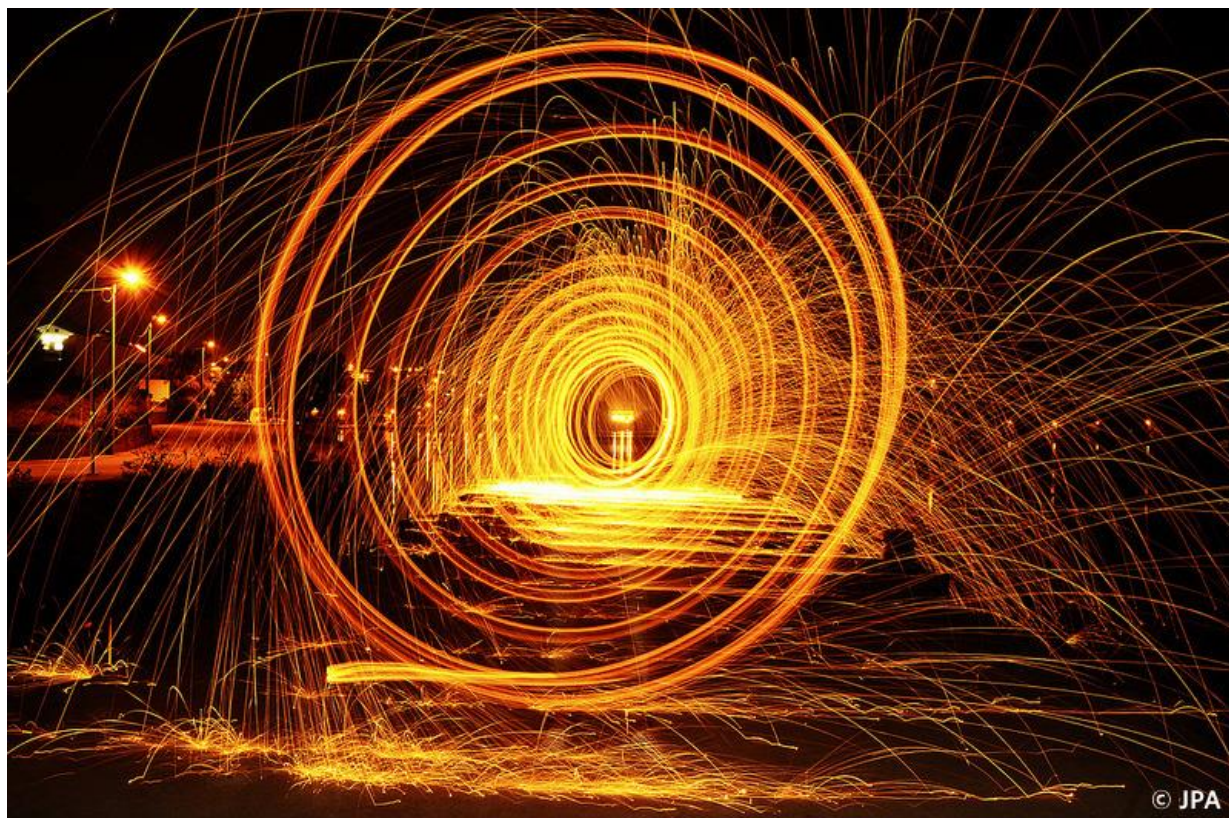
Cadernos de trans_ formação

Julho de 2014



SERVIÇO DE APOIO À MELHORIA DAS ESCOLAS

Universidade Católica Portuguesa - Faculdade de Educação e Psicologia



ISSN: 2183-7406

Ousar ser autor nos tempos de crise

Ficha Técnica:

Direção: José Matias Alves

Coordenação deste número:

Ana Paula Silva

Edição: Francisco Martins

Colaboradores permanentes:

Alexandra Carneiro

Carla Pinto

Cristina Bastos

Cristina Palmeirão

Fátima Braga

Fernando Costa

Filomena Serralha

Ilídia Vieira

Isabel Salvado

João Rodrigues

João Veiga

Joaquim Machado

Joaquina Cadete

Jorge Nascimento

José Afonso Baptista

José Maria de Almeida

José Reis Lagarto

Luísa Orvalho

Luísa Trigo

Lurdes Rodrigues

Manuela Gama

Manuela Ramoa

Maria do Céu Roldão

Maria de Lourdes Valbom

Maria Peralta

Rita Monteiro

Valdemar Almeida

Vítor Alaiz

ISSN: 2183-7406

Colaboram neste número:

- Ana Lúcia de Sousa Figueiredo Pereira | Docente da Escola Secundária/3 Professor Dr. Flávio Ferreira Pinto Resende
- Arminda Neto | Coordenadora TEIP do Agrupamento de Escolas Freixo de Espada à Cinta
- Avelino Evaristo Rosa Cardoso | Diretor da Escola Secundária/3 Professor Dr. Flávio Ferreira Pinto Resende
- Branca Pereira | coordenadora TEIP do Agrupamento de Escolas do Vale de S. Torcato
- Carla Costa | Coordenadora TEIP do Agrupamento de Escolas de Resende
- Carla Sofia Ribeiro Baptista | Coordenadora TEIP do Agrupamento de Escolas Óscar Lopes
- Celeste Almeida | Coordenadora das assessorias de Matemática do Agrupamento de Escolas do Vale de S. Torcato
- Fernanda do Céu Pinto dos Santos | Professora do Agrupamento de Escolas de Maximinos
- Gustavo Évora | Docente no Agrupamento de Escolas de Nun'Álvares - Seixal
- João Queirós | Professor Acompanhador e Coordenador do Departamento de Canto, Classes de Conjunto e Acompanhamento do Conservatório de Música do Porto
- João Vilaça | Coordenador das assessorias de Português do Agrupamento de Escolas do Vale de S. Torcato
- José Emanuel Ferreira dos Santos | Professor do Agrupamento de Escolas de Vilela

- Luísa Rodrigues | Diretora do Agrupamento de Escolas Gonçalo Sampaio - Póvoa de Lanhoso
- Manuela Carvalho | Coordenadora do PEE/TEIP e Subdiretora da Escola Secundária de Inês de Castro
- Manuela Gama | Consultora da Universidade Católica Portuguesa (SAME)
- Nelsa Novais | Coordenadora do Projeto TEIP no AEAH (Agrupamento de Escolas Alexandre Herculano- Porto)
- Rosa Cristina Cunha de Almeida | Educadora Social no Agrupamento de Escolas de Frazão
- Salomé Ribeiro | Professora do Agrupamento de Escolas António Nobre
- Vários professores da Escola Secundária/3 de Paços de Ferreira
- Virgílio Rego da Silva | Coordenador TEIP do Agrupamento de Escolas de Maximinos
- Zita Esteves | Diretora do Agrupamento de Escolas de Real

Índice editorial

Editorial.....	6
A autonomia é possível.....	7
O que mais me gratificou profissionalmente este ano.	9
Ação, reflexão na ação e autoria.	11
O mundo de ontem.....	13
Consultoria / formação: um desafio gratificante na Escola Secundária/3 de Paços de Ferreira	19
Utopia do desafio VS Desafio da Utopia.....	23
O que mais me gratificou profissionalmente este ano...Desafio(s)	25
Coordenação TEIP: um desafio gratificante	28
“Cuidado com o que desejas”	31
Dinâmica renovada	34
“O que mais me gratificou profissionalmente este ano? Porque o que nos gratifica nos pode fazer voar.”	36
Tempos de gratificação.....	38
A construção identitária e o papel do Educador Social na relação Escola - Família - Comunidade - da concepção à prática no Agrupamento de Escolas de Frazão.....	40
Assessorias pedagógicas temporárias	47
O Importante é crescermos juntos.....	51
Passo a passo...até à meta!.....	53
Procura-nos: práticas de ensino e aprendizagem	55
7 UP: Mais sucesso, menos indisciplina.....	62
Ação... Estratégias facilitadoras... Aprendizagens significativas... Encadeamento...	65

Editorial

Somos autores quando nos autodeterminamos!

A experiência gratificante destes Cadernos prova uma possibilidade: é possível sermos autores, sermos criadores de dias mais claros, sermos uma autoridade reconhecida nos contextos onde existimos e somos.

A extensa colaboração presente neste último número do ano letivo de 2013-14 prova várias coisas:

- i) que há diretores, coordenadores e professores que afirmam a singularidade e a diferença em proveito de mais aprendizagem;
- ii) que esse investimento é a razão maior da nossa alegria profissional e da nossa satisfação;
- iii) que é possível trabalharmos numa rede relacional que nos empodere e gratifique;
- iv) que os professores são os construtores do único futuro possível.

Por isso, aqui enuncio uma palavra de gratificação, louvor e reconhecimento. O nosso sistema educativo é melhor porque pode dispor de profissionais deste calibre, de pessoas com esta visão e determinação.

Bom seria que os poderes centrais o reconhecessem e agissem em conformidade. Retirando-se, muitas vezes. E deixando que a liberdade livre produzisse os seus frutos. E, de outras vezes, reconhecesse, apoiasse, abrisse horizontes. Recusando a tentação de fixar o caminho único.

Votos de boas férias. Para que a esperança possa recomeçar no ano próximo.



José Matias Alves

Coordenador do SAME

Diretor-Adjunto da FEP

A autonomia é possível.



Zita Esteves¹

Numa fase em que as exigências são elevadas, as políticas educativas, por imperativos económicos, refletem a incapacidade de dar resposta na proporção das necessidades e, ainda, no meio de uma espécie de depressão social, o dia-a-dia na escola resiste, acontece com dignidade, profissionalismo e sentido de serviço.

Torna-se, portanto, maior o desafio de refletirmos sobre o que de gratificante podemos encontrar na profissão que exercemos neste complexo *puzzle* que é a educação. Situando-me no curto espaço temporal de um ano letivo em que os factos se sucedem a um ritmo tão acelerado que nem sempre é possível uma justa avaliação, elejo, para esta partilha o contrato de autonomia. Este é um tema muito caro a todos aqueles que, desempenhando as suas funções com a máxima seriedade e sentido de missão, desejam poder prestar o melhor serviço aos seus alunos sem perder tempo e energias com as amarras que, muitas vezes, a força central do ministério impõe. À partida, é legítimo pensar que a autonomia traz a confortável independência que permite a livre tomada de decisões o que torna a escola mais próxima do que desejamos porque mais apta a dar respostas adequadas. Porém, e tendo em conta os pressupostos com os quais iniciei esta reflexão, a autonomia torna-se – e com legitimidade, diga-se - uma realidade polifacetada sujeita a leituras que variam para cada um, segundo as suas experiências, formas de ver ou de estar na vida. Assim, uns desejam-na, depositando nela expectativas positivas; outros, vendo-a com desconfiança, são negativos e, portanto menos cooperantes com todo o processo que ela envolve. Na verdade, a palavra autonomia, aparentemente simples, reveste-se de grande complexidade pela polissemia de significados que envolve para cada um.

¹ Diretora do Agrupamento de Escolas de Real.

O ideal seria que a autonomia se tornasse numa finalidade comum integrada num projeto coletivo participado e abraçado por todos aqueles que constituem o contexto educativo; que deixasse de ser reduzido à simples permanência na escola com um novo contrato; que ninguém se limitasse a pensar que a autonomia é poder fazer o que “apetece” ou que ninguém ousasse pensar que por ser concedida autonomia não será preciso prestar contas. Mesmo compreendendo que todas estas perspetivas têm o seu lugar, estou do lado daqueles que – e que são a maioria – encaram a autonomia como um caminho que nos pode conduzir melhor, facilitando a nossa atividade em prol da melhoria das condições de aprendizagem para o sucesso dos nossos alunos.

Quero acreditar que o crescimento, a inovação, o estabelecimento de novas metas, num contexto de autonomia, serão mais fáceis de assumir, embora, claro, exigentes e arriscados pelo conjunto de variáveis a que estão sujeitos. É fundamental que todos os intervenientes a assumam como um projeto coletivo que depende totalmente do entrosamento de cada um. A delegação de competências, assente num relacionamento que se baseia na confiança mútua, em que cada um é responsável é, entre outros, um dos desafios elementares para a concretização de uma autonomia efetivamente válida e consequente.

O processo de construção da autonomia do Agrupamento foi gratificante. Marcámo-lo, simbolicamente, num evento público que assinalou o compromisso. O início desta nova etapa aconteceu segundo uma perspetiva de transparência e partilha, através de sessões de debate sobre a definição de novas estratégias; da identificação de obstáculos; da reflexão sobre os resultados, numa linha de prestação de contas e de constante aperfeiçoamento do trabalho realizado.

Sublinho a inestimável colaboração dos nossos parceiros dos quais pretendemos um olhar externo atento e construtivo que nos ajude a melhorar.

Àqueles que, mais fechados na sua visão de autonomia, resistem a uma perspetiva mais positiva, lanço o meu convite para integrarem o grupo daqueles que, também com dificuldades, fazem as coisas acontecer porque acreditam, querem fazer a diferença pela positiva, pelo esforço, pelo sacrifício e pelo sonho.

Pelo sonho é que vamos.

Sebastião da Gama

O que mais me gratificou profissionalmente este ano.



Luísa Rodrigues²

A opção pela gestão e administração pode ser, no início, um desafio, mas rapidamente se transforma numa opção de vida para quem vive a educação como uma missão tão peculiar que se vai apoderando de nós, e à frustração de cada constrangimento segue-se um renascer da vontade inabalável de trabalhar para fazer a diferença.

Acontece, no entanto, que esta diferença está cada vez mais condicionada pelas políticas educativas de um país que, saltando de experiência em experiência, torna claro que ainda não encontrou o seu próprio rumo. Esta instabilidade pode não ter grande significado para quem se movimenta em patamares decisórios mais elevados, mas interfere com o trabalho dos profissionais de educação que, não raras vezes, de há uns bons anos a esta parte, se vêm confrontados com a responsabilidade de ensinar e educar, por um lado, e, por outro lado, de dar cumprimento a medidas desarticuladas e incoerentes, que entram, muitas vezes, em confronto com as exigências quanto aos resultados e ao sucesso para que todos trabalhamos.

Desta forma, é expectável que quem exerce funções de liderança se sinta a navegar num barco sem velas, com a agravante de que a tripulação exige orientações precisas sobre o rumo da viagem, e os passageiros não se compadecem com as consequências do temporal, porque o que prevalece é que o barco tem uma missão e as expectativas de quem viaja são de que o percurso se fará nas melhores condições.

E, assim, os líderes das organizações escolares, sendo o rosto da tutela e, consequentemente, o alvo mais fácil quando as tempestades se avizinham, têm um papel acrescido, e de uma importância inquestionável, para que, não obstante as condições propiciarem o desânimo e a passividade da tripulação, se criem mecanismos internos de

² Diretora do Agrupamento de Escolas Gonçalo Sampaio - Póvoa de Lanhoso.

resistência à completa degradação da embarcação, para que os passageiros completem a viagem e cheguem ao cais mais ricos em conhecimentos e em atitudes.

A criação destes mecanismos tem sido a minha prioridade, consciente de que, mais do que nunca, a obrigatoriedade de dar cumprimento aos normativos tem que ser acompanhada de palavras e ações de incentivo aos profissionais que me acompanham, de forma a atenuar os efeitos da desproporcionalidade entre o grau de exigências e a precaridade das condições de trabalho.

O presente ano escolar tem sido um dos mais conturbados dos últimos tempos, desde as condições em que trabalhamos, agravando-se o impacto da incompatibilidade das instalações com a implementação de práticas educativas inovadoras, às exigências burocráticas e à falta de articulação entre os documentos orientadores da política educativa, pelo que, atendendo ao estado atual da educação, seria compreensível que os professores virassem as costas a qualquer desafio.

Mas, embora maltratados, o que pude constatar foi o reforço do elevado grau de profissionalismo e de sentimento de missão dos professores, a sua persistência e a sua capacidade de contornar obstáculos.

Apesar do extremo cansaço e do acumular de incertezas quanto ao futuro, continuaram a surpreender-me, acolhendo propostas de inovação para a mudança, em prol do sucesso dos alunos; investindo na sua formação enquanto cidadãos, operacionalizando, através de momentos de excepcional beleza cultural, um plano de atividades que evidenciava uma preocupação acrescida em potenciar a criatividade e o sentido crítico; transpondo os portões da escola e chegando até às famílias, envolvendo-as nas suas dinâmicas e participando, de forma ativa, nos debates promovidos.

Será que existe maior gratificação do que sentir que esta escola continua viva e que não desiste do sonho que nos fez chegar tão longe, apesar da falta de visão estratégica do poder político?

Não para quem a lidera, porque é justo que reconheça o quanto foi gratificante sentir que voei em bando.

Ação, reflexão na ação e autoria.



Virgílio Rego da Silva³

O desafio colocado e que aponta para uma reflexão em torno do “que mais me gratificou profissionalmente este ano”, leva à abordagem da dicotomia profissional reprodutor versus profissional produtor. Não se trata de uma abordagem teórica, uma vez que outros já o fizeram de forma brilhante, nomeadamente *Donald Schön*. Pretende-se antes divulgar práticas efetivas que vão no sentido da assunção de profissionais que produzem conhecimento, isto é, que se envolvem na ação, refletem sobre a sua ação e são capazes de partilhar os resultados da sua ação.

Mas situemos o contexto. Somos “práticos” no AE de Maximinos, Braga, a coordenar o Projeto FREI, *Fidelizar Recursos para Esbater o Insucesso*, escola prioritária, a cuja Equipa TEIP pertencem 9 elementos internos e 2 externos, que reúne formalmente cerca de 7 vezes por ano letivo. Cada uma das diferentes ações/medidas do Projeto Educativo TEIP é coordenada por um dos elementos internos desta Equipa.

Desde o início do Projeto FREI foi preocupação dominante adotar uma política de publicações que divulgasse as práticas internas à comunidade. A última dessas publicações foi apresentada no presente ano letivo, no dia 6 de dezembro, e integra reflexões sobre metodologias, processos e resultados obtidos com a implementação deste Projeto no último biénio letivo (2011/3). Os autores destas reflexões são os próprios elementos da própria Equipa FREI, bem como outros elementos da comunidade escolar.

Mas entendemos que estas práticas de autoria já não seriam suficientes. Queríamos ir mais longe. E foi dessa forma que se definiu um *Círculo de Saberes Profissionais*, construído em parceria com o CFAE Braga/Sul, potenciando a (a)creditação desta formação, e com o envolvimento ativo do perito externo.

³ Coordenador TEIP do Agrupamento de Escolas de Maximinos.

As seis sessões organizadas não teriam grande valor para a assunção do profissional reflexivo se se limitassem as intervenções a atores externos, especialistas nas temáticas selecionadas. E por *este motivo, em cada* sessão destes Encontros, foi convidado um palestrante do ensino superior ou da administração da educação, com reconhecida competência, que fez o enquadramento teórico da problemática em análise. No sentido de se consubstanciarem as práticas, convidamos os autores das experiências/projetos inovadores de diferentes escolas e do próprio agrupamento, que fizeram jus ao seu trabalho apresentando-o a todos os participantes. Naturalmente que estes Encontros terminaram com debates amplamente participados, reflexivos e num ambiente coloquial.

Esta metodologia formativa permitiu que os elementos da Equipa FREI partilhassem com os participantes (internos e externos) os processos de condução das diferentes ações estruturantes do Projeto, sendo desenvolvidas, nomeadamente, as temáticas da conceção, gestão e monitorização e avaliação de projetos, a diferenciação, a avaliação e a articulação pedagógicas, os modelos e práticas de organização pedagógica (equipas educativas de ano), a mediação escolar e a tutoria.

Por outro lado, através das intervenções de “práticos” de outras escolas com projetos relevantes foi possível confrontar as práticas internas com as externas, nomeadamente da “vizinhança”, sendo possível retirar daí ilações para o futuro.

Mas o que mais nos gratificou com esta iniciativa foi dar continuidade a práticas de reflexão na ação e de autoria para os nossos profissionais.

E se para nós foi gratificante organizar uma ação desta natureza, terá sido certamente gratificante para os restantes elementos da Equipa FREI a continuidade dos processos de autoria, partindo da produção de registos escritos publicáveis para as prelações orais, na tentativa de cada vez mais elevar a imagem do agrupamento na comunidade e esbater resistências internas para os processos de mudança e de transformação e melhoria da escola.

E se esta iniciativa nos gratificou pessoalmente e nos pode fazer voar, então gratificando-nos a todos, voemos todos.

O mundo de ontem



Manuela Gama⁴

“É possível observar que o desvio etário existente desde os primeiros anos de escolaridade se agrava progressivamente nos anos subsequentes atingindo valores muito significativos.

No 12ºano, 55% de mulheres têm a idade ideal enquanto para os homens o valor é de 45%. Esta situação é reveladora da complexidade da correção dos percursos escolares e da utilização da retenção como estratégia privilegiada de regulação das dificuldades escolares”

Conselho Nacional da Educação

“Estado da Educação 2012 – Autonomia e Descentralização”

Na autobiografia de Stefan Zweig, “O mundo de ontem”⁵, os anos de escola, em Viena, uma cidade culta e cosmopolita que ele adorava, são descritos com cores de chumbo. O sistema educativo até parece perfeito, só que é indiferente ao aluno. “Não se julgue que os nossos professores eram culpados do ambiente desconsolador que na escola se observava. Na verdade, eles não eram bons nem maus. No fundo, eram apenas pobres diabos, escravos amarrados ao plano de ensino que lhes impunham, e que tinham, como nós, um dever a cumprir. Em toda a parte se procurava dar a compreender ao jovem que ele ainda não estava apto para a vida e que o seu único dever era aprender, ouvir e calar”.

Quando uma larga percentagem de crianças e jovens estava ainda nas fábricas ou na labuta familiar, essa escola de ontem era só para os filhos das famílias desafogadas.

⁴ Consultora da Universidade Católica Portuguesa (SAME)

⁵ Zweig, Stefan, “O mundo de ontem”, Livraria Civilização Editora.

Culturalmente próximos do universo escolar, penavam, porém, com “um plano de estudos pacientemente elaborado segundo a experiência de alguns séculos, que poderia facilitar a aquisição de uma cultura útil e quase universal. Mas, na sua aplicação, era uma engrenagem fria que não tinha em atenção o indivíduo e só o considerava como se não fosse mais do que um simples autómato.” Nessa escola, “o conhecimento é a alma do sistema”, mas é fora do liceu que Zweig e os colegas se deixam devorar “pela febre de tudo saber, de conhecer tudo o que se passava nos domínios da Arte e da Ciência: de tarde, metíamos-nos entre os estudantes da Universidade para assistirmos às leituras dos seus cursos, visitávamos as exposições de arte (...) procurávamos ir sempre aos ensaios das orquestras e todos os dias passávamos em revista as montras das livrarias para sabermos o que, desde a véspera, tinha aparecido de novo”. É espantoso o contraste entre a ânsia de “tudo saber” daqueles jovens nas ruas de Viena e o imenso aborrecimento quando sentados nos bancos escolares, calados, a ouvir.

E então não é que hoje, nas televisões do século XXI, soam vozes saudosas desse aborrecimento disciplinado? Que inércia é esta que pretende manter e justificar práticas que já no século XIX se mostravam estéreis!?

Quando, em fevereiro, participei numa reunião sobre *O alcance dos apoios aos alunos em dificuldade - 2º ciclo*, um pano de fundo não nomeado era a conversa dirigida por Judite de Sousa, “Olhos nos olhos”, emitida na véspera sobre ensino, indisciplina e outras disfunções. O ponto de vista aí desenvolvido é em tudo contrário a uma política de acolhimento e apoio aos que não têm sucesso. Uma grande parte dos alunos encaminhados para os apoios nas suas diferentes vertentes são precisamente os incapazes de estar “sentados, calados, a ouvir”, esse dever primeiro do aluno, como insistentemente repetiam Mithá Ribeiro e Medina Carreira. E prosseguem, sem pestanejar: “os alunos mal comportados que atrapalham o conhecimento, porta fora com eles!” E Medina Carreira que reforça: “Olho da rua!”

Mas onde ficará hoje o “olho da rua”, numa sociedade de escolaridade obrigatória?

Uma outra dicotomia, apresentada pelos interlocutores de Judite de Sousa, diz respeito à aprendizagem. Citando: “Não é o professor que ensina: é o aluno que aprende. De repente inventaram um conceito que é a auto aprendizagem!” E, ignorando Vigostky, Piaget, Bruner e tantos outros que estudaram a importância decisiva das interações no desenvolvimento da criança, prossegue-se como se a centralidade do aluno no processo

desapossasse o professor da sua função. Nessas interações, não é o professor o interlocutor privilegiado?

Para a nossa reunião sobre os apoios aos alunos, eu levava três palavras: implicação, pertença e autonomia.

Implicação

O problema maior que se coloca na reflexão sobre o alcance dos apoios é uma espécie de impotência da escola e dos professores face a uma assumida recusa: “Eles não querem!!” Alunos há que sentem até como uma injustiça o facto de terem mais aulas, ainda que em pequeno grupo, num trabalho de acompanhamento quase personalizado. “Um privilégio! Mas eles não querem.”

Propus que, em vez de tentar encontrar as razões deste não querer, procurássemos situações em que os alunos querem. Mesmo os que habitualmente não querem. E quais são elas? Basicamente, aquelas em que os alunos se sentem capazes. A experiência de sucesso constrói “o querer”. O trabalho de tipo oficial é especialmente propício a deixar aparecer a expressão e o ser capaz de cada um. E em todas as disciplinas se pode fazer trabalho oficial. Não enraizará o problema da indisciplina justamente no pretender que estejam todos *sentados, calados a ouvir* e a turma a funcionar em uníssono? O professor a fazer tudo, como diz Daniel Sampaio, e os alunos sentados quatro ou cinco horas por dia, calados a ouvir?

Se há uma coisa para a qual o ser humano nasce predestinado é para aprender. Basta observar a sede das crianças pequenas, o entusiasmo de uma turma de primeiro ciclo. E se seguirem com os da sua faixa etária - e nada de mal lhes tiver acontecido neste mundo cheio de perigos - veja-se a vitalidade de turmas de 2º ciclo. E depois? Que aconteceu? No Secundário, turmas inteiras nada têm a perguntar, nada a comentar, nada a dizer. Têm voz cá fora – quanta iniciativa, produções incríveis que a escola ignora - mas dentro da sala de aula melhor estar calado, como manda o figurino. Aí estão finalmente os alunos bem domados com que sonham vozes altamente mediatizadas!

Na sala dos professores, reina a infelicidade pela desconfiança com que somos olhados, a descrença no nosso saber, o nosso tempo inteiramente determinado por instruções. Algo parecido se passará com os alunos?

A caminho da reunião, eu pensava em algumas histórias do meu quotidiano. A maneira como começou a minha tutoria à Ana, uma aluna disléxica, que, logo de entrada, me disse: “Odeio a Língua Portuguesa!” Assim, sem rodeios. “Porque é tudo muito difícil: o que digo não é o que quero dizer. Procuo as palavras e depois está mal...” O engraçado é que durante a viagem de estudo ao Porto, ela veio quase sempre junto dos professores porque tinha havido um desentendimento com as amigas. Reparámos no seu nível de conversa muito interessante e com grande propriedade de linguagem. Então porquê esta frase?

Foi precisamente esse o motor de arranque: dar espaço a que essa fragilidade fosse produtiva, dar oportunidade de escrever a raiva contra as palavras que não servem, o medo, o mal estar... O próprio como ponto de partida na expansão da sua emoção. Encontrar as palavras para se conhecer é sempre um deslumbramento. Quando escrevemos, quando registamos com as nossas palavras, cada um é ponto de partida. Está no seu caminho. Quando a Ana lê o que ela própria escreve, lê muito bem. Com toda a expressão. Aqueles a quem não ocorre nenhuma palavra para a redação sobre as andorinhas nos beirais –o que são beirais? – escrevem duas páginas sobre o incidente em que lhe tiraram a bola.

Pertença

O sistema escolar é separador. Separa os alunos em turmas, compartimenta o tempo em minutos/aula, estanca o conhecimento em disciplinas. Ora os articuladores são a inventar por nós para que a turma seja o todo de que cada um é parte. No tempo em que vivemos, é certo que os articuladores se constroem *a contrário* do sistema, que pressiona para que nos concentremos unicamente no cumprimento de metas. E dizemos: “Não há tempo! Não há tempo!” Mas o tempo que dedicamos à organização da vida de relação vai ampliando o tempo de produção, uma vez que as normas estabelecidas em conjunto geram automatismos e evitam perdas em chamadas de atenção pelo professor: a turma entra em auto-regulação.

Exemplos de instrumentos organizativos de pertença:

- Alargar a participação: na construção conjunta de regras da vida da turma, normas para resolução de conflitos, gestão de materiais, organização de atividades. Afinação em conjunto de critérios de qualidade.
- Entrelaçar/criar compromissos/instituir registos-memória da vida social da turma: cadernos de escrita coletiva; apresentações públicas; verificação de *check-lists* em que a turma inteira se compromete.
- Construir critérios de avaliação com a turma para apreciação de produções decididas conjuntamente.

Há algo prévio ao funcionamento democrático que era preocupação do filósofo Sócrates quando nas ruas da cidade interpelava quem passava para provocar o desenvolvimento do pensamento. Qualquer um dos cidadãos poderia ser chamado a responsabilidades no governo da Pólis, logo convinha que soubesse usar a palavra, soubesse pensar. E a palavra, o pensamento desenvolvem-se no seu exercício e não “sentados, calados a ouvir”, como ouvimos no polémico programa com Mithá Ribeiro e Medina Carreira: “Democracia é cá fora. Dentro da escola é uma aldrabice!”. Ora o funcionamento democrático dentro da sala de aula não implica igualdade de estatuto professor-aluno, significa que a palavra de todos é cidadã. Cada aluno, mesmo no primeiro ciclo, cada criança mesmo do pré-escolar tem já voz, pode e deve ser responsabilizada pelo que assume quando fala. É uma questão de respeito. E este respeito, esta atenção à voz de cada um pode mudar tudo no funcionamento da sala de aula.

É essencial a construção do grupo-turma numa dinâmica solidária. Sem essa intencionalidade na ação dos professores, pode ser que o grupo ou grupos se estruturam fora dos muros da escola, mas a sua dinâmica será alheia ao trabalho do aprender coletivo, ao crescer social em sala de aula.

Autonomia

Dizemos frequentemente que os nossos alunos não são autónomos. Porém, a maioria das nossas práticas são indutoras de dependência. Os alunos não planeiam, não organizam o seu trabalho, não avaliam as suas realizações e as dos colegas porque, na generalidade, estão habituados a que isso compita ao professor. Ele, aluno, é mandado

executar! Como reverter esta passividade mortífera? Uma das possibilidades é instituir nas nossas aulas tempos de trabalho autónomo, individual ou não, com regras e formas de proceder que depois podemos levar também para os tempos de apoio. É primordial que o aluno antecipe o que vai para lá fazer. O professor pode conduzir esse trabalho de antecipação que permitirá uma tomada de consciência diferente sobre o que é preciso trabalhar, de quanto tempo precisará, com que objetivos. E depois o próprio aluno poderá registar no seu próprio caderno o que já faz melhor, num processo cada vez mais autónomo de monitorização própria.

E para mudar?

Os números apresentados pelo Conselho Nacional da Educação não podem deixar-nos indiferentes. Se considerarmos, em toda a sua dimensão, a catástrofe do desfasamento dos alunos dos da sua faixa etária, reconheceremos a urgência do ensaio de outras formas de reconstrução dos percursos escolares que não sejam o caixote do lixo da retenção. Porém, essas outras formas de fazer mais personalizadas e mais em consonância com a psicologia da aprendizagem e a sociologia das organizações encontram hoje enormes resistências em princípios e rotinas antigas que alguns meios de comunicação social alimentam, num alheamento total da realidade social do século XXI.

Entre o peso de rotinas que não podem funcionar e a necessidade de passar a outra coisa, o desafio para o professor é enorme e impossível de assumir como uma missão individual. Exige a partilha de práticas no local e um ir e vir fecundo entre a teoria e a experimentação.

Há, em Portugal, inúmeros veios de trabalho bem sucedido onde podemos ir beber. Esta profissão é de servos ou de libertadores. A cada um a sua escolha.

Consultoria / formação: um desafio gratificante na Escola Secundária/3 de Paços de Ferreira



Fátima Barros (Presidente do Conselho Geral), José Valentim Teixeira de Sousa (Diretor), Rosa Maria da Silva Neto (Subdiretora), Carla Leão (Coordenadora da Escola nos Estabelecimentos Prisionais), Carmo Nunes (Coordenadora dos DT do Ensino Secundário), Armandina Ribeiro (Coordenadora dos DT do Ensino Básico), Helena Campos (Coordenadora do Departamento de Línguas), Celestina Silva (Coordenadora da Área Disciplinar de Filosofia), Gracinda Magalhães (Coordenadora da BE/CRE), Laurinda Tavares (Coordenadora do Gabinete de Apoio ao aluno), Teresa Rocha (Coordenadora de Projetos), Conceição Leal, Clotilde Neto, Valentina Ferra, Justa Costa, Eduarda Barbosa (Equipa de Autoavaliação de Escola), Paula Nogueira, Tomás Paiva (Comissão de Coordenação da Autoavaliação), formandos do curso “Desenvolvimento Profissional e Identidades”, desenvolvido nesta Escola, no âmbito da consultoria contratualizada com a Universidade Católica Portuguesa e assegurado pelos formadores Fátima Braga e António Joaquim Abreu Silva.

No dia-a-dia do exercício da prática docente, são exigidos aos professores múltiplas tarefas e diferenciados papéis que, frequentemente, ultrapassam as competências e os desígnios do profissional da educação. Neste sentido, e conscientes da falta de tempo e espaço próprios para a reflexão sistemática e aturada que estes desafios exigem, juntámo-nos nestes encontros de consultoria e formação, em busca da explicitação dos suportes teóricos orientadores dos princípios educacionais que, sem saber, partilhávamos. Analisámos e partilhámos opiniões, conhecimentos e experiências, em conjunto organizámos o pensamento e, de forma colaborativa, concebemos o novo Projeto Educativo (PE) da Escola Secundária/3 de Paços de Ferreira, cuja discussão alargada na comunidade educativa promovemos.

1. Autoavaliação de Escola – a continuidade de um projeto

Tratou-se, no fundo, de alargar a diferentes atores a experiência de consultoria e acompanhamento que, em parceria com a Universidade Católica, a equipa de autoavaliação tem vindo a desenvolver, com a Doutora Fátima Braga, desde 2011-2012. Deste modo se reforçaram e consolidaram as práticas de melhoria da Escola, de acordo

com os quatro princípios que nos têm orientado: apoiar, integrar, reconhecer e criar oportunidades.

Apoiar os agentes educativos, a nível micro e meso, no sentido de agregar motivações que potenciem níveis superiores de eficácia, na certeza de que a qualidade dos processos de ensino e de aprendizagem é promovida através da implementação de ações educativas que garantam a credibilidade de uma escola aprendente. **Integrar** diferentes olhares sobre a organização e os diversos parâmetros que constituem a cultura de escola e a identidade dos diferentes atores da comunidade educativa, mobilizando-os para a autoavaliação, com vista à implementação de um processo de melhoria contínuo e sustentado. **Reconhecer** os pontos fortes e os pontos fracos, atuando sobre eles, para ir sempre mais além, minorando os constrangimentos e **criando oportunidades** de desenvolvimento, para a consecução da melhoria da escola, quer em termos substantivos, quer em termos de identidade.

2. Valorização do *ethos* de escola – visão e missão

Necessário foi fazer emergir as diferentes representações que a ESPF reúne e organizá-las em termos de “Visão de Escola”, uma ambição compartilhada por todos, enquanto afirmação desejável da identidade educativa e pedagógica da organização, materializada numa “Missão de Escola” que, no presente, a distinga das outras e a torne única. Em torno da construção de uma utopia comum, cada um dos intervenientes na complexa estrutura escolar foi percebendo a relevância do seu papel, para melhor poder contribuir para a concretização de uma missão conjunta, consonante com os valores sociais e culturais da comunidade em que a Escola está inserida. Materializou-se, assim, o Projeto Educativo da ESPF, que esperamos sólido e viável, por refletir uma cultura de escola interpretada e consciencializada.

Dito de outro modo, o trabalho de reflexão que, de forma teoricamente sustentada, fomos desenvolvendo em torno das linhas orientadoras do Projeto Educativo, partiu das características socioeconómicas e culturais da comunidade em que a escola se insere (diagnóstico estratégico) e, tomando como ponto de partida a Carta de Missão do Diretor, procurou formas de responder às necessidades do meio (orientações estratégicas), tornando o PE um documento programático, estratégico e institucional, um garante da estabilidade da escola a médio prazo e um alicerce fundamental da sua ação educativa, no

sentido do desenvolvimento de um trabalho assertivo, materializado num documento curto, conciso e preciso, de leitura acessível a todos os interessados.

3. Liderar para uma atuação consensualizada

Tratou-se de perspetivar a Escola como uma organização, debatendo as controvérsias que esta abordagem suscita, e inscrevendo a reflexão em torno da dimensão ética, de que as facetas morais, simbólicas e culturais são elementos intrínsecos. Esta foi uma ideia estruturante do trabalho desenvolvido ao longo da formação “Desenvolvimento Profissional Docente e Identidade(s)”, que primou, não tanto pela novidade da temática, mas pela consciencialização sobre a forma como ela se plasma a nível da questão da liderança, entendida na pluralidade que pode assumir: a das lideranças que se afirmam no contexto de gestão e que projetam a escola como território educativo e a das lideranças que atuam no contexto de realização que é a sala de aula e que, a nível micro, compartilham uma liderança que se quer distribuída e assumida.

Por esta razão, o debate em torno de uma liderança consentânea com esta dimensão ética da organização escolar fez emergir uma liderança capaz de criar uma visão para a Escola que seja hábil a inspirar os que nela desenvolvem o seu trabalho; uma liderança transformacional que, mais do que a eficácia escolar, seja promotora de estratégias de compromisso com a cultura do todo (Leithwood: 1994)⁶, uma liderança da intersubjetividade e da interação, geradora de um ambiente de estimulação intelectual que aumente a moral e o entusiasmo e que promova o compromisso do professor com a Escola. Trata-se da construção de um vínculo psicológico que se traduz numa ligação afetiva aos alunos, à profissão e à organização, com impacto na sala de aula. Foi por isso que o trabalho desenvolvido em pequeno grupo, na formação, foi amplamente discutido nos vários grupos disciplinares, cruzando diferentes olhares e promovendo autorias, num apelo a que cada professor se veja como líder no espaço em que é chamado a intervir e aceite o compromisso com o nível de decisão em que, curricularmente, se inscreve, assumindo responsabilidades e “poder”, um poder exercido de forma responsável e fundamentada, que permita cumprir eficazmente as metas e os objetivos, bem como dar consistência à filosofia intrínseca ao Projeto Educativo da ESPF.

⁶ Leithwood, K. (1994). Leadership for school restructuring. *Educational Administration Quarterly*, 30(4), 498-518.

Em jeito de conclusão

Esta experiência de consultoria / formação foi, pois, uma das coisas que mais nos gratificou profissionalmente este ano, pois permitiu, em primeiro lugar, obter um produto: uma proposta de Projeto Educativo construído colaborativamente e amplamente discutido. Em segundo lugar, e tendo em conta que o PE é um documento estruturante da identidade educativa e pedagógica da nossa Escola e que a sua construção foi conseguida através de uma articulação das ideias e pesquisas individuais de cada um dos formandos com as vontades coletivas - captadas através do envolvimento de cada um, nas sessões de reflexão que ocorreram, no seio da comunidade educativa -, o documento produzido teve a mais-valia resultante do processo que conduziu à sua conceção. Mas o desafio foi também o de experimentar novas formas de partilha do trabalho de monitorização que vem sendo desenvolvido no âmbito do processo de autoavaliação da escola, ensaiando novas formas de construção de elos de confiança mútua. Foi possível perceber que uma escola que pretenda assumir-se como uma organização aprendente terá que ser uma escola constituída como corpo que reflita e construa saber, com impacto nas práticas. Neste campo, constatou-se que há ainda caminhos a percorrer, agora no âmbito da supervisão, que projetem a escola para um nível mais além...

Utopia do desafio VS Desafio da Utopia

Salomé Ribeiro⁷

A utopia está lá no horizonte. Me aproximo dois passos, ela se afasta dois passos. Caminho dez passos e o horizonte corre dez passos. Por mais que eu caminhe, jamais alcançarei. Para que serve a utopia? Serve para isso: para que eu não deixe de caminhar.

Eduardo Galeano.

A escola como pilar do desenvolvimento, numa sociedade dos valores circunscritos em princípios humanistas, *baseada na liberdade de espírito e no interesse pelo humano, na busca da verdade humana, no conhecimento do homem atuante da sua vontade de realização, do seu destino, libertando-se de toda a opressão espiritual ou política* (Postic, 1990), não pode continuar mergulhada na narrativa da defesa de valores de igualdade do acesso, sem ser a mentora da objetivação desta narração, já que é através do conhecimento que os povos se libertam do domínio dos outros e que o indivíduo adquire uma vida condigna com a condição humana.

Este ano, resultante de ter sido nomeada para o cargo de coordenadora TEIP, tive o privilégio de poder, no âmbito do apoio da Universidade Católica ao projecto TEIP do Agrupamento Escolas António Nobre, participar, partilhar e refletir conjuntamente com outras escolas e dentro agrupamento com outros docentes com quem o tempo e o espaço não se confluem, formas de construir uma nova dinâmica nas rotinas escolares que ainda estão aquém dos objetivos desejados para uma sociedade que se quer desenvolvida e, por isso, equitativa e humanizada.

As realidades das escolas de hoje cruzam-se em pontos comuns, *marcadas por uma sociedade em crise*, procuram-se caminhos que levem à saída desta encruzilhada que coloca a nível público, a educação nas ruas da amargura. Neste contexto de mudança, os professores terão de alterar as suas realidades, que se sustentam num discurso e numa prática contraditória. Se na verdade existe uma retórica de inclusão, a homogeneização do

⁷ Agrupamento de Escolas António Nobre

espaço escolar reflete uma realidade que não promove a sua diversidade. Neste sentido, o equilíbrio entre o velho e o novo terá de ser conseguido através de uma permanente atitude reflexiva e crítica construtiva da ação, conduzindo à criação de novas práticas e de processos inovadores que capacitem os professores de novas competências para fazer face a um novo progresso.

A escola como proscénio da conjuntura política, económica e social em crise, já que as nossas crianças e jovens transportam a vida, as suas angústias para dentro dos seus muros, tem alentado o imperativo do sucesso de todos, para que isso se concretize urge dar uma resposta que cumpra o ideário de “uma escola para todos”.

Olhar com o olhar do outro uma realidade semelhante permite aprendermos novos caminhos, descristalizar a nossa ação e essencialmente capacitarmo-nos que a escola é sempre uma reconstrução, um projeto inacabado, como diz Galeano, *a utopia que está lá no horizonte*.

O programa TEIP, uma grande mais-valia da escola, serve para dar resposta a quem pela força da vida, não possui os meios económicos, que permitam usufruir de capitais que possibilitem uma fácil inclusão no meio escolar. Vem dar instrumentos e meios às escolas para que estas criem respostas que esvançam as desigualdades de uma escola que ao ignorar a dissemelhança, isto é, não se ajustando ao contexto da criança ou do jovem vai transmitindo-lhe uma desvalorização de si mesma e conseqüentemente um desinteresse pelas atividades escolares. Este processo resulta num crescendo insucesso ano após ano que exponencia o desinteresse, acabando na maioria das vezes em comportamentos problemáticos e futuramente em abandono escolar.

O programa TEIP assente numa monitorização constante do que é produzido, com definição de metas a alcançar, baseado na construção de projetos que se entrecruzam e vão dando forma ao todo, com objetivo central da promoção do sucesso escolar, traz um novo paradigma para a escola exigente per si, um novo passo, um novo caminho que permite uma fundamentação teórica da escola, pois sem uma avaliação a argumentação é apenas opinativa, não permitindo por isso, traçar um caminho que permita uma efetiva melhoria dos resultados da escola Pública.

O que mais me gratificou profissionalmente este ano...Desafio(s)



Nelsa Novais⁸

Olhando para trás, para um ano de trabalho que está a chegar ao fim, não me ocorre logo fazer um balanço do que profissionalmente me gratificou. Esta parte, deixá-la-ei para mais tarde. Ocorre-me, antes de mais, sim, pensar sobre o processo.

O que mais me desafiou este ano como profissional da educação?

Recordo um dia de julho do ano dois mil e treze, em que, poucos minutos antes da última reunião do Conselho Pedagógico, e preparando um novo ciclo, após a sua eleição, o Diretor do recentemente criado Agrupamento de Escolas (neste caso, nove), me confrontou com uma sua decisão: “(...) nomeei-te Coordenadora do Projeto TEIP”. Que desafio! Num novo contexto organizacional, com dinâmicas de trabalho, ancoradas, muitas delas, numa cultura e visão próprias, agora projetadas na fusão entre ex-agrupamentos e escola secundária que constituem esta nova unidade orgânica, tinha nas mãos a difícil tarefa de unir alguns esforços, de desmontar/desconstruir o mito TEIP e de “contaminar” aqueles que ainda eram incrédulos face a um projeto que pode e deve constituir-se como uma oportunidade para todos nós em prol dos alunos. Desafio? Sim, no planeamento da ação, na coordenação, na mobilização e no envolvimento, no(s) processo(s) de monitorização e na avaliação. **Mas o maior desafio, neste cargo, era sobretudo o de (re)lembrar, tornar conscientes os principais agentes da nossa organização de que o Programa TEIP visa a valorização da diversidade e da diversidade do(s) público(s) da escola, ou seja, a discriminação positiva de alunos oriundos de contextos socioeducativos específicos.** A resolução de parte do desafio passava também por (re)lançar a discussão e fazer refletir sobre propostas de diferenciação curricular que, embora mantivessem a estrutura orgânica do currículo nacional, acrescentassem medidas concretas de diversificação ao nível de práticas pedagógicas e, até, ao nível de uma oferta formativa que

⁸ Coordenadora do Projeto TEIP no AEAH (Agrupamento de Escolas Alexandre Herculano- Porto).

já era diversificada no Agrupamento. Nas reuniões do Conselho Pedagógico, local privilegiado para se pensar, refletir sobre os processos e avaliar a sua eficácia, foram apresentadas a diversas monitorizações feitas ao Projeto e lançados os desafios que, mais tarde seriam discutidos em departamentos curriculares. A articulação entre os vários elementos da equipa multidisciplinar e, sobretudo, as sessões entre os intervenientes que compõem a equipa do Gabinete de Acompanhamento Multidisciplinar (GAM) procuraram centrar-se no caminho de uma melhoria da ação educativa.

A ilusão de que cada um de nós, enquanto profissional da educação, pode melhorar norteou a coordenação deste Projeto. Contudo, e após alguns meses de trabalho, acompanhado pelo olhar crítico do perito da UCP, realizei que a mudança tem de ser gradual, que mais vale um passo seguro e consistente do que correr o risco de não ser compreendido ou, pior, criar anticorpos em relação a uma dinâmica que pretende agir numa lógica de implicação e de melhoria dos processos em prol das aprendizagens dos alunos.

O que mais me gratificou profissionalmente?

Em relação à coordenação do Projeto, ver a progressiva mudança de alguns dos atores deste contexto educativo, confrontados, este ano, com alguns desafios, nomeadamente o de atuar, refletir, avaliar e (re)pensar as práticas num território educativo de intervenção prioritária.

Enquanto professora, a minha satisfação pessoal passou pela relação pedagógica que forçosamente se estabelece entre alunos e professores. Uns mais marcantes do que outros, mas todos, à sua maneira, à procura de alguém que os compreenda; passou também por ver no olhar dos outros a crença de que o professor pode fazer a diferença.

Há tempos, numa formação que frequentei sobre Tutoria, encontrei nas palavras de um autor, Gilly (1976), que investigou as representações recíprocas dos professores e dos alunos, que habitualmente o docente privilegia na sua representação dos alunos os aspetos cognitivos, enquanto estes privilegiam na sua representação dos professores os aspetos afetivos e relacionais. É nesse “mal-entendido” da relação pedagógica que poderá estar o segredo, sendo importante que nos aproximemos das necessidades relacionais e de desenvolvimento dos nossos alunos, no sentido de os conseguirmos influenciar ou motivar para o alcance dos objetivos da educação escolar no plano cognitivo.

Em jeito de balanço, chegado o fim deste ano de trabalho, o que há ainda para fazer?

Tanto e a tantos níveis!

Coordenação TEIP: um desafio gratificante



Carla Costa⁹

“A reflexão é um processo que ocorre antes e depois da ação e, em certa medida, durante a ação, pois os práticos têm conversas reflexivas com as situações que estão a praticar, enquadrando e resolvendo problemas *in loco*.”

(Zeichner 1993)

Relembro setembro de 2013 e o modo como encarei e vivo aquele que continuo a considerar como um significativo desafio: a Coordenação TEIP.

Ao tomar conhecimento de que daria continuidade ao excelente trabalho já desenvolvido por outras coordenadoras TEIP do meu Agrupamento, confesso que a responsabilidade acrescida e inerente ao exercício de tais funções, se fez sentir de imediato e muitas foram as questões que se me equacionaram. Senti necessidade de refletir numa perspetiva mais abrangente do que a habitual, de me apropriar devidamente dos vários contextos inerentes à implementação e desenvolvimento do programa TEIP, bem como da sua verdadeira dimensão ao nível do Agrupamento em que leciono.

Nesta perspetiva, comungo do parecer de Alarcão e Canha (2013), ao considerarem indispensável o conhecimento da vida da organização no que respeita às suas ambições, às suas potencialidades, limites e problemas, no sentido de adquirir conhecimento que me permitisse contribuir para o delineamento estratégico do caminho a seguir, tendo sempre presente que qualquer projeto de uma organização é levado a cabo pelas pessoas que dela fazem parte, sendo pois, fundamental que o mesmo seja de pertença dessas pessoas, pois só assim se criam condições de comprometimento alargado e genuíno e se incentivam sinergias de ação potenciadoras do desenvolvimento em direção ao rumo traçado.

⁹ Coordenadora TEIP do Agrupamento de Escolas de Resende

Alicerçada nestas convicções e na necessidade da escola aprender, promovi o questionamento sobre o papel da escola, da sua função na sociedade e na natureza das suas práticas numa cultura em mudança.

Neste contexto e dando continuidade às boas práticas já existentes no Agrupamento, aquando da implementação das ações do plano de melhoria TEIP, fomentei o desenvolvimento do trabalho em equipa entre os diferentes elementos da Comunidade Educativa, considerando “as equipas”, tal como Formosinho e Machado (2009), comunidades de práticas e *locus* de mudança da escola e do modo de trabalho docente, onde sobressaiu a responsabilidade coletiva pelas aprendizagens dos alunos.

Decorridos aproximadamente dez meses e graças ao trabalho desenvolvido em anos anteriores, constatei que cada equipa colaborou no desenvolvimento efetivo da escola no seu todo, fazendo dela uma organização aprendente que contribuiu para a melhoria do serviço público prestado (Formosinho e Machado 2009). **O trabalho de cada uma pautou-se pela assertividade, a corresponsabilização, o respeito, o diálogo, a confiança e o envolvimento de todos em torno de um desígnio comum, o que muito me gratificou, na medida em que senti que de alguma forma conseguimos contribuir para o desenvolvimento profissional de todos e para o estreitamento das relações no seio da família Escola e desta com a comunidade, com reflexos claros nas nossas práticas.**

Apesar das adversidades sociais e económicas que atualmente se vivem, senti de forma evidente e gratificante, a disponibilidade, o empenho, a dedicação, a colaboração e o profissionalismo da generalidade dos docentes e técnicos que trabalham no meu Agrupamento. No entanto, ainda temos um longo caminho a percorrer em prol do sucesso escolar dos nossos alunos. Consciente de que “A educação é o mais importante investimento que se pode fazer no futuro das novas gerações e a melhor forma de valorizarmos o mais precioso ativo que temos em nossas mãos.” (Silva 2008), considero que é necessário reforçar a sensibilização e a promoção do envolvimento da Comunidade neste complexo processo de ensinar/educar para bem formar.

Neste final de ano letivo, sinto-me cansada mas feliz e privilegiada por me terem possibilitado a interação direta com diferentes agentes educativos que me permitiram, no âmbito da minha ação enquanto coordenadora TEIP, crescer pessoal e profissionalmente, continuando a acreditar convictamente que todos juntos fazemos a diferença!

Bibliografia

ALARCÃO, I & CANHA, B. (2013). *Supervisão e colaboração – Uma relação para o desenvolvimento*. Porto Editora.

BARROS, L., PEREIRA, A. I. & GOES, A. R. (2008). *Educar com sucesso manual para técnicos e pais* (2ª edição, epis). Lisboa: Texto Editores.

FORMOSINHO, J. & MACHADO, J. (2009). *Equipas Educativas – Para uma nova organização da escola*, Porto Editora.

GUERRA, M. (2000). *A Escola que aprende. CRIAPASA Centro de Recursos de Informação e Apoio Pedagógico* (2ª Edição). Asa Editores II.

NUNES, J. (2000). *O professor e a ação reflexiva CRIAPASA – Centro de Recursos de Informação e Apoio Pedagógico* (1ª Edição). Asa Editores II.

SÁ, L. (2001). *Pedagogia Diferenciada – Uma forma de aprender CRIAPASA Centro de Recursos de Informação e Apoio Pedagógico* (1ª Edição). Asa Editores II.

ZEICHNER, K. (1993). *A formação reflexiva de professores: Ideias e Práticas*. Lisboa: Educa.

“Cuidado com o que desejas”



Gustavo Évora¹⁰

Sempre considerámos que a Escola muito ganharia com a inclusão nos seus Quadros de técnicos especializados que pudessem complementar o trabalho dos professores; que embora estes últimos sejam fundamentais para o cumprimento da missão principal da Escola – ensinar os alunos, faze-los aprender –, o seu trabalho não poderia ser realizado num quadro de isolamento em relação a outros saberes que possam permitir novas abordagens ao processo de ensino aprendizagem, ou melhor, ao processo educativo. A missão de ensinar só pode ser concretizada eficazmente no contexto de uma interdisciplinaridade, tradicionalmente pouco cultivada no contexto escolar.

No ano letivo de 2009/2010 foi criada a oportunidade para o Agrupamento de Escolas de Nun’Álvares ver os seus Quadros enriquecidos com aquilo a que se convencionou chamar *recursos adicionais*, denominação que remete, logo à partida, para a ideia do carácter de excecionalidade desses mesmos recursos. Estavam criadas condições para a formação de uma equipa interdisciplinar, constituída por professores e técnicos de diferentes áreas de especialização.

Restava agora saber “o que fazer com esse recurso”, ou melhor, aprender a geri-lo em prol do desenvolvimento do agrupamento. Quais eram as prioridades? Havia muitas questões a resolver no agrupamento e era, como hoje, necessário rentabilizar os recursos. A melhoria dos resultados escolares encabeçava a lista das prioridades, uma preocupação legitimada por um histórico persistente de resultados escolares inferiores às médias

¹⁰ Docente no Agrupamento de Escolas de Nun’Álvares - Seixal

nacionais, os quais motivaram aliás a inclusão do agrupamento no Programa TEIP¹¹. Foram criadas elevadas expectativas nesse sentido.

As expectativas de parte da comunidade educativa quanto ao contributo dos recursos para a melhoria dos resultados competiam, todavia, com uma não menos significativa resistência de outra à possibilidade de adotar novas formas de trabalho que no contexto de uma equipa multidisciplinar se poderiam desenvolver. A “intromissão” de agentes estranhos num território tradicionalmente *do professor*, não era vista da mesma forma por todos; aquilo que para uns constituía uma oportunidade era visto por outros como uma ameaça que poria em causa o seu trabalho ou pelo menos aumentaria o seu volume. Era necessário encontrar um ponto de equilíbrio entre os dois *sentires* e essa seria uma de muitas das tarefas da coordenação do projeto TEIP nesta UO¹². Esse equilíbrio está encontrado.

Esse trabalho não foi facilitado nem pelas estatísticas, que persistiam negativas para a UO, nem pela mudança de atitude que a própria coordenação esperava do núcleo resistente, mas que tardava em acontecer. Foi necessário muita insistência e sobretudo capacidade de demonstrar que a melhoria não verificada, nos resultados escolares, de forma evidente pelo menos, verificava-se, claramente, nos processos e na forma como a organização agora trabalhava. No nosso caso, a integração de uma equipa multidisciplinar no quotidiano educativo, tornou-se um contributo importante para desenvolver uma nova forma de olhar para a organização, trazendo novas abordagens, inicialmente sentidas como estranhas, mas que paulatinamente se foram naturalizando. O apelo à reflexão constante sobre o trabalho individual do professor, dos grupos e dos departamentos e a responsabilização dos coordenadores pela promoção dessa reflexão constituiu sempre uma preocupação desta coordenação, a qual parece estar a dar os seus frutos. Este é, para já, e do nosso ponto de vista, um dos grandes benefícios do Programa TEIP – fazer com que as próprias UO sintam como natural a necessidade de autorreflexão sobre as suas próprias formas de organização do trabalho pedagógico/educativo para, pela via de uma análise crítica sistemática, encontrar novas abordagens para compreender os seus problemas e, dessa forma, criar novas e inteligentes soluções; e os órgãos de gestão levarem as estruturas intermédias a adotar esse princípio como “regra do modo de fazer as coisas”. **No**

¹¹ Território Educativo de Intervenção Prioritária

¹² Unidade Orgânica

Agrupamento de Escolas de Nun'Álvares, parece-nos que se está a trilhar esse caminho e o trabalho desta coordenação terá que continuar a manter viva essa ideia de que vale a pena agarrar a oportunidade TEIP para desenvolver uma filosofia de trabalho centrada na reflexão-ação, que permita uma antevisão dos problemas e a criação de condições para os prevenir, e não de uma filosofia de trabalho baseada na constatação-reação, que já se provou ser pouco eficiente. Agora é tempo de cimentar uma filosofia de trabalho cada vez mais interdependente e menos dependente de recursos adicionais. E estamos capacitados para isso?

Dinâmica renovada



Branca Pereira¹³

Durante vários anos a sensação experimentada pela nossa comunidade era o de um certo abandono e isolamento em relação às instâncias superiores. Apesar das dificuldades e incertezas, as tarefas inerentes ao programa TEIP foram sempre cumpridas e sem quaisquer reparos.

No ano transato, com a proximidade, acompanhamento e apoio do novo consultor externo a situação atrás retratada alterou-se profundamente e, como resultado, foi desenvolvido um trabalho contínuo e alicerçado, cujos resultados foram reconhecidos publicamente dada a conquista das metas propostas. Desta feita, passamos a sentir uma base de sustentação que nos permitiu apresentar, num território com tantas especificidades como o nosso, um Plano de Melhoria mais cirúrgico no combate aos pontos fracos que o caracterizam. Nele definiram-se não só as metas a alcançar nos diferentes eixos de intervenção, como as ações/atividades que se reconheceram como prioritárias e necessárias à conquista dos objetivos a que nos propusemos. Do referido Plano fazia parte um conjunto de ações que envolviam muitas mudanças ao nível da organização e gestão de todo o agrupamento, nomeadamente a organização em conselhos de ano para os 2º e 3º ciclos; construção de documentos modelo em formato digital que agilizariam e organizariam, de forma mais rigorosa toda a informação para posteriores análises/reflexões e propostas de mudanças consideradas, com base nas mesmas, como imprescindíveis; o alargamento da participação de mais grupos disciplinares na operacionalização de ações a implementar; a criação de uma microrrede de escolas TEIP, entre outras.

Foram constituídas equipas de trabalho dinâmicas, empreendedoras e determinadas a solucionar as questões mais problemáticas. Ao longo do ano, esse dinamismo foi bem visível nas vezes que as mesmas se reuniram e, mais que isso, o que daí resultava e que era

¹³ Coordenadora TEIP do Agrupamento de Escolas do Vale de S. Torcato

apresentado às diferentes estruturas, órgãos e serviços educativos (organização das sessões de conselhos de ano/turma, reorganização das modalidades de apoio às aprendizagens; propostas para a implementação mais eficaz dos diferentes programas de intervenção; operacionalização do Plano Anual de Atividades...).

Embora os resultados ainda não sejam os desejados, consideramos que, em algumas atividades e propostas concretizadas, foi alcançado um efeito que superou as expectativas e nos encheu de honra, orgulho e grande satisfação, a saber:

- a) O reconhecimento e valorização dos nossos materiais/documentos de trabalho e operacionalização de algumas das ações exposta pelos agrupamentos que fazem parte da microrrede constituída.
- b) O *Projeto Vale*, ação que consiste no registo sistemático *online* das atividades onde de desenvolvam metodologias ativas e para as quais a recetividade era fraca.
- c) *Um dia com...* atividade de facilitação na transição do 1º para o 2º ciclo, onde os alunos do 4º ano passam um dia na EB2,3 cumprindo o horário de uma turma do 2º ciclo nas diferentes atividades letivas, assistem a outras mais lúdicas na Biblioteca, com dramatizações, comemoração de efeméride e/ou sessão de esclarecimento e almoçam na cantina.
- d) Quando, no ano transato, nos foi apresentada a revista *Desafios* através do nosso consultor externo e nos foi lançada a provocação de que, citando-o, ***Os Cadernos ficariam mais bonitos com contributos do AE de Vale de São Torcato*** considerei que, dadas as características do nosso território educativo, em hipótese alguma conseguiríamos participar ou colaborar numa publicação com a dimensão que a revista possui. Assim, foi com enorme satisfação que vemos nela textos de professores nossos sobre a Oficina de Escrita e sobre as Assessorias Pedagógicas Temporárias a Português e Matemática 2º e 3º ciclo.

Estas são algumas das atividades que me gratificaram profissionalmente, sabendo que tudo o que de bom se produziu se deve a um grupo alargado de pessoas que conjuntamente se dedicam a fazer deste agrupamento o melhor.

“O que mais me gratificou profissionalmente este ano? Porque o que nos gratifica nos pode fazer voar.”



Fernanda do Céu Pinto dos Santos¹⁴

Nós precisamos de uma escola que esteja enraizada na sociedade, em suas diferenças e que, por isso, seja capaz de construir projetos distintos e escolas diferentes. Por essa razão, dei continuidade à coordenação de projetos de escrita no âmbito do Projeto FREI/TEIP2.

Precisamos de escolas que sejam o contrário da normalização, do “tamanho-único”, de que fala João Formosinho, e possam atender à diversidade de situações. Foi com esse espírito que procurei saber o que faz falta a um aluno, ao invés de o empurrar para fora da escola, usando o diagnóstico constante em prol da inclusão e da capacidade de “ensinar” as crianças que não têm projeto escolar inscrito no seu percurso de vida. E assim nascia, dia após dia, uma vontade imensa de os retirar das quatro paredes da sala de aula e os levar a procurar inspiração para arte de comunicar, nomeadamente em conteúdos de escrita.

Embora sendo outono, cheirava a primavera, o sol estava radiante e os pássaros pareciam cantar alegremente, encurtando os silêncios que brotavam dos olhos da diferença, marcando a sinfonia de letras que havia de surgir num suplemento de um jornal da cidade no âmbito da Educação Especial e intitulado “Ser Diferente”: *Ser diferente é ser igual,/É não deixar que as nossas incapacidades/Impossibilitem de ver as nossas habilidades.../Ser diferente é ver mais alto,/Subir nas asas do vento,/Desenhando um novo tempo./Não temos de adiar os nossos sonhos,/Temos de destruir as barreiras/Que nos impedem de os realizar/E de os amar!/Ser diferente é não querer ser desigual,/É exigir o direito de ser livre, /E ser uma pessoa especial!*

¹⁴ Professora do Agrupamento de Escolas de Maximinos

A quietude do momento foi abalada com a campainha que convidava a uma breve pausa poética. Parecia que estava no meio de um campo de papoilas que acenavam em todas as direções, soltando no ar o perfume dos verdadeiros poetas. Por momentos, pensei ouvir Fernando Pessoa pegar-me gentilmente pela mão, lembrando-me que “às vezes ouço passar o vento; e só de ouvir o vento passar, vale a pena ter nascido.” Deste modo, justificava-se a dinamização de uma atividade voltada para a cidade - “Braga é Poesia”, realizada em duas fases: primeira, a declamação de poemas nas ruas do centro histórico; segunda, a publicação e apresentação de uma publicação com o mesmo nome, integrando poemas de alunos desde o 5º ao 12º ano de escolaridade. O mote era dado por mim com o poema seguinte: “Abrem-se/como pérolas/à primeira luz do dia./Em sonho,/ganham forma e cor/e pintam as ruas com muito amor!/E em cada recanto da cidade/como um arco-íris sem idade/versos dispersos soltos no ar,/rimas cruzadas de alegria,/ puro encontro de poesia.”

E como a poesia também pode servir para aliviar a dor física de alguém, nascera outra publicação com o fim humanitário de ajudar alunos diferentes, o meu “Pedaços de Mim”. Saliento o seguinte poema: Solidariedade/É o vento que me faz mexer,/a música que me faz escutar,/a necessidade ínfima de partilhar.../ Solidariedade/ É perceber as diferenças e as dificuldades,/encurtando distâncias nas idades.../É sentir que é possível ir mais além,/dividindo o que se tem.../É ser mais interiormente,/ser maior que a canção.../é saber dar sem esperar gratidão.../É saber dizer não a um mundo de quimeras adiadas,/a tentativas frustradas e cansadas,/a um mundo de mácula, mentes vazias/ egocêntricos mergulhos, almas perdidas.../É um simples descongelar da emoção,/tomando como sua a dor do outro, solidão.../sem palavras, ouvindo apenas o coração/e dando ao outro a sua mão!

E, hoje, mesmo na reta final do ano escolar, sinto que cuidar do aluno é cuidar de sua aprendizagem e sentir-me grata por isso, porque o que nos gratifica nos pode fazer voar...

Tempos de gratificação



João Queirós¹⁵

Quando fui desafiado para escrever sobre que mais me gratificou, a nível profissional, neste ano, tive a certeza que o mais difícil seria a escolha e o momento, o final do ano letivo é sempre um fase de muita azafama à que se junta o natural cansaço de tanto trabalho acumulado. Por outro lado pensei que seria uma boa oportunidade para fazer uma reflexão crítica sobre a minha atividade como Pianista Acompanhador do Conservatório de Música do Porto

Numa escola artística como o Conservatório de Música do Porto, em que para além das atividades letivas, ou mais corretamente, em complemento das atividades letivas, os alunos se apresentam em público regularmente, quer seja em audições quer em concursos, dentro e fora de portas, a variedade da escolha seria sempre um problema. Decidi escolher o Concerto Comemorativo do centenário do nascimento de Benjamin Britten, no dia 17 de outubro, no Theatro Circo em Braga. Neste concerto participaram o Coro Infantil e Juvenil e Ensemble de Cordas da Companhia da Música de Braga, o Coro de Pequenos Cantores de Esposende e o Coro Juvenil do Conservatório de Música do Porto. Particpei como pianista do coro Juvenil do Conservatório de Música do Porto.

A escolha deste concerto como um dos momentos marcantes do ano deve-se a um conjunto de fatores, em primeiro lugar a celebração do nascimento de um dos meus compositores favoritos, com uma vasta obra para coro infantil e juvenil, em segundo lugar a possibilidade de trabalhar com uma colega extremamente profissional e muito experiente, a professora Magna Ferreira, que dirigiu o Coro Juvenil e com um grupo de alunos entusiastas e motivados e finalmente, o último fator, o repertório executado, fizemos obras de dois compositores portugueses, professores de Análise e Técnicas de

¹⁵ Professor Acompanhador e Coordenador do Departamento de Canto, Classes de Conjunto e Acompanhamento do Conservatório de Música do Porto

Composição no Conservatório de Música do Porto, os compositores Fernando Valente e Fernando Lapa.

De Fernando Valente foram apresentadas as obras: Nau Catrineta (com texto de António Jacinto) e Avô Crocodilo (com texto de Xanana Gusmão) e de Fernando Lapa as obras Castigo para o comboio malandro (com texto de António Batica Ferreira) e Mar Português (com texto de Fernando Pessoa). Este reportório integra um projeto mais vasto do Conservatório de Música do Porto, chamado Lusofonia Coral, em que foi pedido ao professores de composição deste conservatório para comporem obras para coro juvenil com base em textos de escritores lusófonos e onde se prevê não só a execução dessas obras como a sua gravação e edição. Para este concerto escolhemos estas quatro obras que nos pareceram significativas e apelativas ao público juvenil e adulto e em que se utilizam textos de escritores importantes de Angola, Timor Leste, Guiné Bissau e Portugal.

A nível profissional foi uma experiencia muito gratificante porque permitiu o trabalho em conjunto de colegas de diferentes áreas: pianista acompanhador, professora de coro e professores de análise e técnicas de composição. Para os alunos também foi uma experiencia muito enriquecedora porque além de terem o privilégio de interpretar obras e contactarem com os compositores das mesmas puderam conhecer escritores lusófonos e esses textos serem também trabalhados com os professores de Português. Por tudo isto considero que este concerto, apesar de poder ser visto como uma atividade não letiva, se revestiu de um carácter multidisciplinar que gostaria de ressaltar e que mostra uma boa pratica do Conservatório de Música do Porto.

A construção identitária e o papel do Educador Social na relação Escola - Família - Comunidade - da concepção à prática no Agrupamento de Escolas de Frazão



Rosa Cristina Cunha de Almeida¹⁶

“A escola é, sem dúvida, uma das nossas instituições mais sensíveis, onde se cristalizam as expectativas, as esperanças, as apostas no futuro e as contradições da nossa sociedade.”

(Clavel, 2004: 101)

O contexto escolar emerge como campo profissional onde outros profissionais da educação e trabalhadores sociais podem desempenhar um papel sempre numa dinâmica interrelacional, em trabalho de equipa multidisciplinar. É neste ambiente que a figura do educador social pode incrementar uma nova forma de educar: «(ser) *um profissional de valor*¹⁷»

O conceito de Educação Social encontra o seu campo de intervenção no espaço sócio-comunitário, enfatizando a sua ação na comunidade, que é o seu principal referente.

O educador social é um técnico sócio-educativo que intervém no domínio psicossocial cuja *«finalidade principal é aumentar a capacidade da pessoa que vive numa situação – problema de modificar a sua situação e, de forma geral, tornar-se mais capaz de lidar e modificar situações que for vivendo ao longo da sua vida»* (Silva, 2001: 42). Trata-se de um trabalho de *empowerment*, de dotar as pessoas de competências sociais, individuais

¹⁶ Educadora Social no Agrupamento de Escolas de Frazão

¹⁷ Ver Anexo VII o slogan do boletim do CNES.

e profissionais. O educador social em contexto escolar apresenta-se nas suas três vertentes: «*ator social, um educador e um mediador social*» (Carvalho, 2001:5), situando-se na interface de uma sociedade complexa e multidimensional onde se cruzam a sociedade globalizada, a comunidade local, a Escola, a Família e o Aluno. Nesta perspetiva ecossistémica, o educador social propõe alternativas de vida, gerindo as relações grupais e relacionais numa lógica de interatividade profissional cujo fim é a qualidade de vida, a relação igualitária e recíproca bem como o direito e respeito pela diferença. Lidar com a diferença e saber integrar a diversidade no todo obriga a escola a aceitar o desafio, aparentemente contraditório, de proporcionar um ensino globalizante que pode correr o risco de cair na homogeneização e simultaneamente atender à heterogeneidade sem transformá-la em critério discriminatório e segregativo.

Nesse sentido, o contexto escolar não pode ser encarado como um produto acabado e formatado desde cima mas antes como uma co-construção imersa numa realidade concreta da qual não pode ficar alheio.

Neste movimento de abertura da Escola, deve corresponder um movimento de abertura das famílias à escola que não pode ser efetuado sem antes dotar as pessoas de ferramentas culturais e cognitivas para poderem empreender um trabalho gnossológico para melhor perceber a educação e cultura escolares.

Por isso é primordial que para além das propostas de intervenção em contexto escolar, o educador social tenha a mais-valia de poder inserir-se em outros âmbitos do espaço comunitário, nomeadamente ao nível da dinamização sociocultural, no trabalho com as instituições sociais presentes no local.

É imprescindível o estabelecimento de parcerias com as diversas instâncias institucionais afim de coordenar os esforços técnicos e recursos exógenos / endógenos para melhor se ajustar e responder às necessidades de prevenção primária e secundária para evitar possíveis repercussões que aniquilariam um trabalho cooperativo empreendido.

Com efeito, trata-se de pensar a intervenção social como um trabalho localmente decidido, como um processo participativo e envolvente. Na óptica freiriana, chamar-se-ia *engajamento* por ser ao mesmo tempo conscientização e ação transformadora, na medida em que o educador social em contexto escolar insere a sua prática na interação com o outro. Talvez arrisque a designar esta orientação de “*descentralização do gabinete*”, isto é,

do trabalho simplista demasiado enformado nos moldes administrativos e impessoais, passar para um trabalho sistémico, dinâmico, interrelacional, complexo, reflexivo, continuamente pesquisador e inovador.

Pelo facto de o educador social ser o responsável em administrar os meios que melhor possam contribuir para facilitar o seu desenvolvimento, a sua integração e o seu bem-estar, exige uma forte polivalência prática de acordo com a multiplicidade de situações, tornando-se impossível fornecer respostas exaustivas face à grande variedade de situações multidesafiantes e ao facto de vivermos numa sociedade em permanente transformação (Bermejo, s/d: 13), centrando-se no entendimento do outro como ser social e na importância de atender ao indivíduo na sua singularidade.

Assim sendo, o desafio atribuído é o de saber lidar de forma construtiva com as questões sociais do dia-a-dia, no convívio e no trabalho com outras pessoas. Pode e deve emergir como um verdadeiro *“comunicador interativo”* (Petrus, 1997: 60) – defensor da implicação e participação ativa de todos os envolvidos no processo, sendo a prática concebida como uma eficaz construção intersubjetiva – e como um autêntico *“profissional reflexivo”* e crítico.

De mãos vazias e sem respostas construídas à priori, mas com dedicação, profissionalismo e sentido ético, o educador social tem o contributo fundamental a conceber na realização prática do ideal de uma educação durante toda a vida e para todos.

A previsão dos passos a dar tem que se basear numa visão global e interativa dos fenómenos em causa, tentando compreender todas as relações e pessoas envolvidas, numa lógica inter e intrassistémica (Selvini, Palazzoli et al, 1988 citado por Alegret y Baulenas in Cancrini, 1997: 27).

A autonomia pretendida para os elementos da família nem sempre é conseguida de modo fácil, daí que uma intervenção tenha de ser encarada como uma situação transitória e pressupor requisitos como: a formação de relações que ajudem na aproximação de elementos anteriormente dispersos; o acompanhamento em diferentes momentos da intervenção; a atribuição de significados às narrativas da família; o contacto com outros profissionais para um trabalho numa lógica colaborativa; a leitura de retroações que verifiquem a execução dos objetivos propostos e o apoio emocional face à inconstância de todo este processo (Alegret y Baulenas in Cancrini et al, 1997: 144).

Na sua intervenção, deve recorrer a diversos instrumentos de trabalho, flexíveis e complementares, para não cair na tentação de encarar todas as situações como idênticas, como refere Maslow: *«Si lo único que tienes en la mano es un martillo, tenderás a tratar todo como un clavo»* (citado por Vega in Cancrini et al,1997: 167).

Entendo então que a melhor forma de intervenção e instrumento de trabalho é a intervenção em rede, com o contributo da sinergia que advém de diferentes saberes e perspetivas pessoais, técnicas e científicas de um trabalho em rede social, com o pressuposto de fazer a ponte entre a família, a criança/ jovem e a escola através de um trabalho de plataforma.

De acordo com este último aspecto, todos os trabalhadores sociais que formam a rede devem encontrar um espaço comum de reflexão e de definição de objetivos, estratégias e momentos de avaliação.

Ao procurar consolidar e renovar as redes sociais já existentes pode também criar novas redes de espaços de pertença e referência afetiva, atuando de forma direta, mas sem tomar partido ou dar a solução. Deve escutar, estar atento, conduzir as respostas dos verdadeiros protagonistas, criando, no dizer de Carvalho e Baptista (2004), a chamada distância óptima, que conjuga racionalidade com sensibilidade e serenidade.

É um trabalho que não basta apenas saber fazer, mas gostar de fazer, sendo muito importantes as motivações, a empatia, o compromisso com a mudança, o crescimento pessoal. Como tal, torna-se primordial conhecer as suas aptidões e capacidades bem como as suas limitações, no sentido de superar obstáculos, pois cada educador social tem um estilo próprio, pessoal e único em saber e em fazer.

A sua intervenção acontece num espaço pedagógico subjetivo que o compromete com a promoção da cidadania e se pauta por valores éticos, enfrentando situações profissionais de conflito ou de dilema, sempre analisados numa atitude reflexiva.

A Educação Social concebe, tal como Bernard Charlot (2002), que o Homem nasce inacabado e portanto, aberto às transformações que exigem uma mediação de outros Homens, e é exatamente no interior do Homem que se dá a construção do sentido que este dá a tudo o que está dentro e fora dele.

Assim, na minha prática profissional desenvolvida ao longo destes dois anos no Agrupamento de Escolas de Frazão pretendi que a minha intervenção se configurasse como um trabalho, onde as famílias fossem autoras do seu desenvolvimento através de uma

metodologia multidimensional e dinâmica que promove uma redefinição do sentido que estas dão à vida e a si mesmas e a construção de projetos de vida.

Através de uma intervenção assente em dois eixos fundamentais – a educação das crianças e dos jovens e o trabalho a desenvolver com as famílias – pretendeu-se o envolvimento de todos, a rentabilização dos recursos e a concepção de respostas inovadoras adequadas aos problemas e às necessidades da população, surgindo neste sentido como mediadora.

Ao fazer uso deste modelo de investigação-ação-participativa, procurei sempre, na minha intervenção, envolver as pessoas com as quais estabeleci relação, de modo a que os contributos de cada uma fossem valorizados e potencializados.

No âmbito da intervenção desenvolvida enquanto educadora social e responsável pelo Eixo 4 – relação Escola – Família – Comunidade, e mais concretamente na ação “Pais e Companhia”, tenho realizado, em articulação com outros intervenientes, atividades e intervenções diversas que se centram nos seguintes itens: (i) criação e dinamização do Gabinete de Apoio ao Aluno e à Família (GAAF), a funcionar itinerantemente, com periodicidade quinzenal nas diversas escolas que constituem o Agrupamento; (ii) intervenção psicossocial, mediante a realização de diagnósticos (prevenção; acompanhamento; articulação com outros projetos de acompanhamento e com a família; (iii) atendimentos individuais e/ou grupais com os alunos/ encarregados de educação; (iv) visitas domiciliárias que se traduzem no acompanhamento de proximidade, implicando a minha deslocação ao domicílio para contacto com a família de alunos cujo sucesso educativo se encontra comprometido (prioritariamente os casos com assiduidade muito irregular) quando a escola não o conseguia pelos meios habituais ou quando nos deparamos com outras situações revestidas por alguma subjetividade; (v) articulação intra-institucional; (vi) articulação inter-institucional, baseando-se na identificação dos diferentes agentes que intervêm junto da família dos jovens em acompanhamento, no sentido de facilitar uma concertação de recursos necessários para uma intervenção precoce, de estreitar as relações e trabalhar em parceria. Em articulação com as psicólogas temos desenvolvido e dinamizado workshops, tais como, “O papel dos pais na promoção da motivação para a aprendizagem escolar”, “Desde pequenino... onde tudo começa”, entre outros, destinados a pais/ cuidadores. Ainda no eixo quatro, temos colaborado e dinamizado ações no âmbito do Gabinete de Promoção para a Saúde, com a permanência

no gabinete, a dinamização de dois módulos no curso de formação “Promoção da saúde em meio escolar – educação sexual”, para assistentes operacionais e a preparação de ações diversas e materiais.

Simultaneamente, a intervenção também incorpora ações no eixo da prevenção do abandono e absentismo e regulação do clima de escola, e no eixo relativo à formação com a dinamização de um workshop sobre “Gestão e mediação de conflitos”, dirigido a docentes.

No decurso de todo o trabalho que tem sido levado a cabo, saliento como pontos fortes: (i) criação de relações de proximidade e de confiança com alunos e encarregados de educação, alargando-as aos seus familiares e comunidade envolvente;(ii) dinâmica de trabalho estabelecida na E.B. 2/3 e nas E.B.1 contempladas pelo GAAF na congregação de esforços para envolver os encarregados de educação/ pais/ família no percurso dos seus educandos; (iii) melhoria de algumas relações pais/ filhos, tornando-os mais próximos e refletindo sobre o papel que cada um deve desempenhar na família; (iv) o sentimento que algumas famílias detêm ao perspetivar a escola como estando mais próxima dos problemas de cada um, traduzindo-se na sua iniciativa e necessidade de contactar com a educadora social; (v) estabelecimento de um trabalho estreito de parcerias com diversas entidades externas à escola.

Os pontos fortes atrás identificados potenciam-se em oportunidades que passo a enunciar: valorização do indivíduo e desenvolvimento da autonomia; elaboração de um projeto de uma Equipa Multidisciplinar de intervenção para apoio a famílias; trabalho interdisciplinar com outros técnicos; proximidade comunicativa entre os projetos – criação de redes.

Bibliografia

Bermejo, Francisco, J. (s/d). *Ética das profissões – Trabalho Social*, Centros Universitários de la Compañia de Jesus;

Brochura Educador Social – Um profissional de valor realizada e distribuída pelo Conselho Nacional de Educação Social com o apoio do Instituto Português da Juventude (IPJ);

Cancrini, L., Gregório, F. & Nocerino, S. (1997). *Las familias multiproblemáticas*. In M. Coletti, & J. Linares, (coord.). *La Intervención Sistémica en los Servicios Sociales ante la Familia Multiproblemática*. Barcelona: Paidós Terapia Familiar.

Carvalho, Adalberto Dias de. & Baptista, Isabel. (2004). *Educação Social – Fundamentos e estratégias*. Coleção Educação e trabalho social. Porto: Porto Editora

Carvalho, Adalberto Dias de. (2001). “O Educador Social como sujeito da construção dos direitos humanos”, *Espaço (s) de construção de identidade profissional*. Universidade Portucalense Infante D. Henrique, Porto;

Charlot, Bernard. (2002). *Du rapport au savoir – Éléments pour une theorie*. Paris, Arthropos;

Clavel, Gilbert. (2004). *A sociedade da exclusão – compreendê-la para dela sair*. Coleção Educação e Trabalho Social. Porto Editora;

Gadotti, Moacir. (1998). *Lições De Freire*. In: *Educação, Sociedade E Culturas*, Nº 10. Porto: Afrontamento;

Petrus, A. (1997). *Pedagogia Social*, Barcelona, Ariel Educação;

Silva, Luísa Ferreira da. (2001). “ A relação com a pessoa-cliente” in *Intervenção psico-social*. Universidade Aberta. Lisboa.

Assessorias pedagógicas temporárias



João Vilaça¹⁸



Celeste Almeida¹⁹

Área disciplinar: Português

As assessorias têm, como objetivo basilar, a promoção de um trabalho cooperativo entre os docentes intervenientes que facilite a melhoria dos resultados escolares à disciplina de Português, no sentido de desenvolver os níveis de literacia dos alunos; a melhoria da competência de escrita; a promoção de um apoio mais eficaz e individualizado aos alunos que mais precisem; desenvolver métodos e rotinas de trabalho na sala de aula no âmbito da disciplina; proporcionar aulas mais práticas e dinâmicas, promotoras da construção ativa dos conhecimentos; facilitar o controlo pedagógico dos comportamentos e atitudes nas turmas onde tal se revele necessário.

Escola Básica 2,3 S. Torcato



População-alvo: Todas as turmas do 5º ao 9º anos, desde o ensino regular aos cursos vocacionais do 2º e 3º ciclos.

A articulação entre o professor titular e o professor assessor, relativa ao modelo de organização da aula, nem sempre é presencial, rentabilizando-se os meios tecnológicos disponíveis, tais como o e-mail ou o sms. Ao nível da planificação, o titular planifica a aula e dá a conhecer ao assessor, sendo o elemento chave na organização e desenvolvimento da

¹⁴ Coordenador das assessorias de Português do Agrupamento de Escolas do Vale de S. Torcato.

¹⁹ Coordenadora das assessorias de Matemática do Agrupamento de Escolas do Vale de S. Torcato.

aula, determinando a organização do espaço, a distribuição do tempo da aula e as tarefas a realizar pelos alunos. Relativamente aos materiais usados na sala de aula, o titular é frequentemente os seleciona e elabora dando, posteriormente, a conhecer ao colega que, por vezes, apresenta sugestões. No decorrer da aula, há três turmas do 7º ano em que o assessor pega em metade da turma e vai para outra sala e, aí, expõe a matéria, determina as tarefas a realizar pelos alunos e corrige os trabalhos. Este desenvolvimento da aula é feito mediante uma planificação prévia por parte do titular e, em alguns casos, pelo assessor. Esta planificação é entregue ao assessor ou ao titular e ao diretor. Nas restantes turmas, o titular expõe a matéria, determina as tarefas a realizar pelos alunos, corrige os trabalhos dos alunos, em trabalho colaborativo com o assessor. Este, quando necessário, ajuda a manter os alunos atentos, faz acompanhamento individual dos alunos com mais dificuldades ou mais atrasados, vai para junto de algum aluno que perturbe e verifica os livros, cadernos diários e outros materiais dos alunos. Depois da aula, frequentemente os dois docentes falam sobre os alunos e os incidentes da aula. O assessor faz registos da aula, numa grelha elaborada para o efeito no início do ano letivo, e identifica pontos fortes que comunica ao titular.



Quanto à avaliação feita até ao momento, consideramos que o balanço é muito satisfatório, uma vez que os alunos se sentem mais apoiados; que as oficinas de escrita e de gramática têm um outro alcance e conseguem resultados muito positivos; que as atitudes reveladas na sala de aula melhoraram consideravelmente; há uma maior interação na sala de aula e os alunos veem os dois docentes como uma mais-valia; a qualidade apresentada ao nível da produção oral e escrita teve notáveis melhorias, que foram muito evidentes na quantidade e qualidade de trabalhos apresentados na semana da leitura; as aulas passaram a ser mais dinâmicas e os professores titulares já se sentem mais à vontade com a presença do professor assessor. Deste modo, foram atingidos os objetivos delineados inicialmente.

No terceiro período, propomo-nos melhorar a comunicação entre os dois docentes, titular e professor assessor; dividir a turma onde tal se revele necessário e vantajoso; permitir que o assessor seja mais ativo e interventivo; analisar os resultados obtidos em conjunto; finalmente, conceber e partilhar os materiais antecipadamente. Consideramos fundamental, nos próximos anos letivos, incidir cada vez mais ao nível do segundo ciclo e

apostar nos anos intermédios para obtenção de melhores resultados nos exames de final de ciclo.

Área disciplinar: Matemática

A assessoria técnico-pedagógica de Matemática tem como objetivo o apoio à melhoria das aprendizagens, isto é, com esta medida pretende-se apoiar os alunos com mais dificuldades em contexto de sala de aula e promover o sucesso académico nesta área curricular. Além disso, esta ação visa a promoção de um trabalho cooperativo entre os docentes intervenientes no sentido de proporcionar aos alunos um acompanhamento mais individualizado, de forma a dar resposta imediata às dúvidas e dificuldades sentidas, aumentando desta forma o ritmo de trabalho e a motivação dos discentes.



População-alvo: Todas as turmas do 5º ao 9º anos, desde o ensino regular aos cursos vocacionais do 2º e 3º ciclos.

Os grupos disciplinares de matemática dos 2º e 3º ciclos, após uma reflexão sobre a interação docente por eles desenvolvida em contexto de assessoria técnico-pedagógica, atentaram algumas tendências, a saber: o professor titular planifica frequentemente as aulas sozinho, no entanto, combina também frequentemente com o colega o modelo de organização da aula; na planificação da aula, frequentemente, o titular dá a conhecer e



recebe sugestões do assessor e seleciona/elabora e dá a conhecer os materiais; durante a aula, frequentemente, é o professor titular que expõe a matéria e determina as tarefas a realizar com os alunos, enquanto que o professor assessor acompanha a exposição do colega, faz um acompanhamento individual aos alunos ou a um pequeno grupo; e depois da aula, os professores titular e assessor fazem, frequentemente, pontos da situação sobre o desenvolvimento da aula, identificando pontos fortes e apontando aspetos menos conseguidos e trocando impressões sobre os alunos.

Quanto à avaliação feita até ao momento, consideramos que o balanço é muito positivo. Esta ação tem revelado alguns pontos fortes no seu desenvolvimento, nomeadamente, as aulas com assessoria permitem executar as atividades propostas,

proporcionando aos alunos um acompanhamento mais individualizado, sendo possível dar resposta imediata às dúvidas e dificuldades sentidas, aumentando desta forma o ritmo de trabalho e a motivação dos alunos. Facilita, ainda, o controlo da turma a vários níveis: participação, concentração, empenho, desempenho e comportamento.

O trabalho de articulação realizado entre os professores titular e assessor permite a partilha de sugestões, metodologias, atividades e estratégias, possibilitando dar uma resposta mais adequada e completa às necessidades dos discentes.



No processo desta avaliação analisamos as possíveis diferenças entre 2º e 3º ciclos e apenas há a registar que no 2º ciclo o professor assessor trabalha com o grupo turma ou um pequeno grupo, mas sempre em contexto de sala de aula. Enquanto que no 3º ciclo o trabalho por vezes é desenvolvido com um pequeno grupo, mas fora da sala de aula. É de referir, no entanto, que esta situação não foi pré-definida, mas sim e apenas determinada pelas características da turma e pelo que os docentes consideraram ser o mais vantajoso para as respetivas turmas.

Em relação às melhorias a introduzir, os grupos consideraram que de facto seria uma mais valia se os mesmos beneficiassem de horas para articulação efetiva. Outro aspeto referido foi que o ideal seria as turmas terem apenas um professor assessor. E, por último, e no sentido de monitorizar a eficácia das assessorias, os docentes pensaram em criar uma grelha (semelhante à que é utilizada no Laboratório de Matemática) que permitisse de certa forma concretizar essa monitorização, a qual seria efetuada no primeiro período e depois no terceiro período.

O Importante é crescermos juntos



Carla Sofia Ribeiro Baptista²⁰

“O amor recíproco entre quem aprende e quem ensina é o primeiro e mais importante degrau para se chegar ao conhecimento.”

Erasmus

Um professor, numa perspetiva individual, segundo o meu ponto de vista, é bastante mais que o transmissor de conhecimentos acumulados ao longo da sua formação académica ou profissional. Trata-se de uma pessoa a quem é pedido o desempenho de outros papéis que vão além do da sua profissionalidade: o enfermeiro, o psicólogo, o terapeuta, o pai ou a mãe, a referência para resolução de problemas, o porto de abrigo para desabafos, os ouvidos que escutam, quem aconselha, quem dá uma palavra amiga na hora certa, assim como uma repreensão quando necessário ou um simples carinho ou abraço.

Ser professor não se resume a um trabalho dentro de uma sala de aula, seguindo um currículo obrigatório de uma ou mais disciplinas que se leciona. Trata-se de uma profissão que se exerce dentro e fora de uma sala de aula, dentro ou fora da escola. Basta haver vontade de aprender e ensinar que o papel de professor é imediatamente exercido.

Sendo uma agente participativa na abertura à comunidade, vivo a localização e o espaço da escola como instituição de crescimento e formação de indivíduos, procurando fazer sentir a intervenção escolar na sua atmosfera.

Há que pensar a relação pedagógica e institucional numa perspetiva ativa e interventiva, visando a construção do carácter dos alunos e a consciencialização da sua condição de futuros cidadãos, sujeitos a deveres mas também portadores de direitos. Juntos, professor e alunos poderão dar um passo significativo e produtivo no

²⁰ Coordenadora TEIP do Agrupamento de Escolas Óscar Lopes

desenvolvimento e construção do processo de ensino e aprendizagem, assim como na construção da identidade individual e coletiva.

Um professor, numa perspetiva coletiva, vai mais além do que a sua turma ou escola, sendo importante também pensar a sua ação integrada na comunidade educativa (agrupamento) e no meio envolvente; pensar no individual e no coletivo; numa vertente interna e externa.

Como Coordenadora TEIP, num tempo de mudança no agrupamento, relacionada com as lideranças superiores e intermédias, mais que uma implicação pessoal foi necessário um envolvimento profissional mais profundo, no sentido de procurar respostas para as fragilidades e necessidades encontradas, que têm necessariamente de ser minimizadas e transpostas.

Passo a passo...até à meta!



Arminda Neto²¹

Trabalhar já é, por si só, uma gratificação; trabalhar com crianças e jovens é uma gratificação veiculada a um amadurecimento e a uma formação ética enquanto profissional da educação.

Não é fácil, mas os tempos conferem-nos uma certeza, - o ensino só é praticável quando acompanha as mudanças da sociedade que exige respostas, não raras vezes, difíceis de dar. Cabe à escola, em articulação com a família, garantir essas respostas, construindo a sua missão sempre em busca do conhecimento e da formação cívica.

Não obstante os constrangimentos vividos pelos professores, cativar é um desafio. Este ano letivo foi bastante desafiante, profissionalmente. Sendo nós uma escola TEIP3 pelo segundo ano consecutivo, planificamos o nosso trabalho no sentido de melhorar a qualidade das aprendizagens, traduzida no sucesso educativo dos alunos. Sabemos que o domínio de conteúdos programáticos é a base do trabalho docente mas não é suficiente. É fundamental estar-se disponível e recetivo ao aluno, “aquele” aluno, naquele momento, naquele contexto, e com aquela necessidade específica, premissas de uma escola inclusiva. É a sala de aula o palco de todas as evidências; aqui se concretiza o construir de saberes que só resulta com um agilizar de atividades preparatórias resultantes de um interagir contínuo entre, direção, docentes e encarregados de educação. Só assim é possível superar os determinismos sociais que tanto contrariam o trabalho autónomo e prioritário dos nossos alunos e o brio em assumir condutas proativas.

A nível do domínio da didática foram criadas ações significativas para despertar o interesse dos discentes, tendo em conta a sua heterogeneidade. Promoveu-se uma educação diferenciada apoiada em ações constantes do Plano de Melhoria: assessorias e formação de grupos por nível de competências, “Turma Fénix”, estrutura de trabalho com

²¹ Coordenadora TEIP do Agrupamento de Escolas Freixo de Espada à Cinta

enfoque na recuperação de alunos, permitindo utilizar metodologias próprias de abordagem dos problemas e dificuldades de aprendizagem, especialmente nas disciplinas de português e matemática, bem como incrementar a gestão e articulação curricular. Foi um trabalho bastante cativante e motivador por parte de todos os envolvidos, no sentido de conseguir a recuperação de competências de alunos com ritmos de aprendizagem diferentes. Esta dinâmica teve como complemento de trabalho a ação “Estuda +”, atividade concretizada, diariamente, dentro da sala de aula que, não sendo espaços letivos, favoreceram relações interpessoais entre alunos e professores melhorando a aquisição de competências cognitivas bem como a eleição de valores e da moral, melhorados pela ação tutorial.

Analisando o trabalho desenvolvido posso inferir ter sido um ano bastante empreendedor. Os resultados alcançados ao fim do primeiro biénio no âmbito das escolas prioritárias de 3ª geração, são considerados, numa dimensão interna, positivos. A nível dos resultados escolares, com uma ligeira melhoria e, sobretudo, a nível da envolvência de todo o elenco educativo no processo de construção de um Agrupamento renovado, aberto à partilha de boas práticas, à formação e à entrega “gratuita” em esforço e tempo, a uma causa tão nobre como a de educar/preparar crianças e jovens em tempos tão socialmente controversos.

É esta realidade que decreta a minha gratificação profissional - ser parte envolvente num trabalho colaborativo com o qual se diminuiu a resistência à mudança, ao *comodismo* profissional, em prol duma **transformação** para o sucesso e a formação integral dos nossos alunos.

Sinto-me gratificada, enquanto coordenadora do projeto, pelo acompanhamento disponível, dinâmico e colaborativo, quer da direção do agrupamento (que louvo pela sua consistência de trabalho) quer da consultora externa, Dª Cristina Palmeirão, que muito nos gratificou ao longo do ano letivo com a sua presença, sabedoria e pedagogia cativante.

Somos uma escola em construção, para construir, saberes e seres.

Procura-nos: práticas de ensino e aprendizagem

Ana Lúcia de Sousa Figueiredo Pereira²²

Avelino Evaristo Rosa Cardoso²³

Resumo

Este artigo pretende, em particular, dar a conhecer o projeto *Procura-nos* implementado na Escola Secundária/3 Professor Dr. Flávio Ferreira Pinto Resende desde o ano letivo de 2009/2010 e que tem vindo a dar frutos no campo da melhoria das aprendizagens e na erradicação do abandono escolar.

Criado numa lógica preventiva e não remediativa, adaptada à nossa realidade - difícil em termos de acesso e pobre a nível socioeconómico. Em termos práticos, citando os nossos alunos, são “explicações gratuitas dentro da própria escola” a várias disciplinas, que lhes concede a hipótese de estudo na própria escola, dado que a maioria dos discentes sai de casa muito cedo e regressam muito tarde, por causa do tempo despendido nas deslocações entre a sua residência e a escola.

Abstract

This article is aimed at introducing a project called Procura-nos (or Look for Us), that was implemented at Escola Secundária/3 Professor Dr. Flávio Ferreira Pinto Resende in the 2010-11 academic year; this project is proved fruitful in helping to improve student achievement and eradicating school dropout.

It was created using the logic of prevention and not a remedial one, and therefore more likely to fit our reality as a school – students are undermined by transport accessibility issues and a low-socioeconomic status. In practical terms, quoting from our own students, the project consists of “free tutorials in our own school” on a variety of subjects, that will allow them the chance to get quality extra help in their study, free of charge and in their own school, given that most of these learners commute to school, leaving home in the morning and arriving back in the late afternoon.

²² Docente da Escola Secundária/3 Professor Dr. Flávio Ferreira Pinto Resende

²³ Diretor da Escola Secundária/3 Professor Dr. Flávio Ferreira Pinto Resende

A Escola Secundária/3 Prof. Dr. Flávio F. Pinto Resende, situada na freguesia e concelho de Cinfães, distrito de Viseu, está sedeadada nas atuais instalações desde 1986, integra os Territórios Educativos de Intervenção Prioritária desde 2009/2010 e é, no atual ano letivo 2013/2014, uma Escola com Contrato de Autonomia.

A Escola acolhe alunos provenientes das 17 freguesias do concelho, abrangendo uma área territorial de 241,5 km², que se estende da serra do Montemuro ao rio Douro, no sentido Sul-Norte, e de Castelo de Paiva a Resende, no sentido Oeste/Este, em extensões superiores a 40 km. Acolhe ainda alunos dos concelhos de Baião e de Resende.

A maior parte dos alunos provém das freguesias limítrofes do centro do concelho e demora entre 30 a 60 minutos a chegar à escola e o mesmo tempo no regresso a casa, viajando em autocarros públicos e/ou escolares através de estradas sinuosas.

No ano letivo 2013/2014, frequentam a escola 629 alunos, distribuídos por 26 turmas: 108 alunos (5 turmas) do 3.º ciclo do ensino básico; 22 alunos (1 turma) do Curso Vocacional de Comércio, Pastelaria e Artesanato; 316 alunos (11 turmas) dos Cursos Científico-humanísticos de Ciências e Tecnologias, Línguas e Humanidades e Ciências Socioeconómicas; e 183 alunos (9 turmas) do Ensino Profissional, que frequentam os cursos de Técnico de Turismo Ambiental e Rural, Técnico de Apoio à Gestão Desportiva, Técnico de Instalações Elétricas, Técnico de Gestão de Equipamentos Informáticos, Técnico de Energias Renováveis – variante de Sistemas Solares, e Animador Sociocultural.

É preocupação da Escola Secundária/3 Prof. Dr. Flávio F. Pinto Resende constituir-se como um instrumento de reflexão e debate, promotor de uma melhoria continuada da Escola pelo aumento do sucesso escolar de todos os seus alunos, pelo desenvolvimento profissional do seu pessoal docente e não docente e pela participação ativa e responsável dos Pais e Encarregados de Educação no percurso dos seus educandos. Pelo diagnóstico e conhecimento dos seus pontos fortes e dos pontos a necessitar de intervenção, este processo pretende contribuir para a constante e sistemática melhoria da organização da Escola, tendo sempre presente a principal meta do nosso Projeto Educativo: promover aprendizagens de qualidade e o sucesso educativo, numa escola de todos e para todos, uma escola à qual todos sintam que pertencem: uma Escola de Qualidade e orientada para o Sucesso.

A aprendizagem institucional atualmente não pode ser acompanhada apenas por uma aprendizagem individual paralela, pois cada vez mais a aprendizagem, num sistema educativo, deve orientar-se não para um conjunto fixo de saberes, mas sobretudo para a aprendizagem de um instrumentário de competências. Assim, mais do que aprender, devem os alunos aprender a aprender.

Neste contexto, e tendo como referência central o Projeto Educativo da Escola, têm sido desenvolvidos mecanismos de acompanhamento da sua implementação e de verificação do grau de concretização. Pretende-se, assim, sustentar a melhoria do programa TEIP promovendo o seu carácter preventivo e impulsionador da melhoria da qualidade. Por isso, o Plano de Melhoria elaborado no ano letivo 2013/2014 é reflexo disso. Tendo a plena consciência de que este plano não é, de forma alguma, mais um plano de atividades, estabelecemos, por conseguinte, quatro eixos prioritários para melhorar o desenvolvimento de experiências, projetos e ações relativos a diferentes campos do saber, com efeitos na formação integral dos alunos e numa crescente melhoria dos resultados académicos, focada não apenas numa lógica de fim de ciclo, mas anual, pois é assim que os alunos percorrem os degraus do saber:

Eixo 1 - apoio à melhoria das aprendizagens e do sucesso escolar;

Eixo 2 - prevenção do abandono, absentismo e indisciplina;

Eixo 3 - gestão, organização, monitorização e autoavaliação;

Eixo 4 - relação Escola-Família-Comunidade e Parceiros.

O *Procura-nos* é um projeto que se enquadra no eixo 1 - APOIO À MELHORIA DAS APRENDIZAGENS E DO SUCESSO ESCOLAR -, tendo sido criado a pensar nos alunos. Face a várias dificuldades observadas, aproveitámos recursos e passámos à prática deste projeto.

Constatando a importância de agir na raiz dos problemas, na urgência de os prevenir e impedir o seu agravamento, avivando a necessidade, cada vez maior, em destacar a aposta na melhoria da qualidade das aprendizagens, pretendemos com a implementação deste projeto apresentar soluções para:

- Possibilitar aos alunos estudar e resolver os seus problemas, dado que estes chegam tão cedo e saem tão tarde da escola, devido à distância das suas residências;
- Auxiliar o processo educativo face às dificuldades de aprendizagem evidenciadas;

- Apoiar os alunos com mais dificuldades, mas também fomentar melhores resultados nos que não evidenciam problemas de aprendizagem;
- Diminuir o insucesso, o abandono e o absentismo escolar;
- Combater a desvalorização da cultura escolar e o fraco envolvimento familiar;
- Batalhar contra a falta de horizontes e zelo académico, para a prossecução de estudos;
- Constituir uma mais-valia para os alunos provenientes de famílias com fracos recursos económicos.

Foi nosso fito, com base no conhecimento que possuímos da nossa realidade circundante e numa lógica essencialmente preventiva e não remediativa, tendo como principal preocupação a melhoria da qualidade das aprendizagens, implementar este projeto, traçando, para isso, indicadores e metas que são, na verdade, extensões dos objetivos, ajudando-os a tornarem-se mensuráveis, exequíveis e atingíveis.

Eixo 1 – Apoio à melhoria das aprendizagens e do sucesso escolar		
Ação: Procura-nos		
Descrição: Os alunos com dúvidas ou dificuldades de aprendizagem em conteúdos de diferentes disciplinas terão à sua disposição um professor da disciplina. Para tal, os alunos inscrevem-se previamente e os responsáveis articularão os horários.		
Objetivos	Indicadores de medida	Metas
<p>1. Melhorar os resultados escolares dos alunos.</p> <p>2. Promover o espírito de iniciativa e a responsabilidade nos alunos.</p>	<p>1. Percentagem de alunos frequentadores da ação (com 5 ou mais frequências) que melhoram os seus resultados às disciplinas solicitadas.</p> <p>2. Percentagem de alunos que frequentam a atividade 5 ou mais vezes</p>	<p>1. Aumentar a média do aluno às disciplinas solicitadas em 0,03 no ensino básico e 0,1 no ensino secundário.</p> <p>2. Aumentar em 10% a percentagem de alunos que frequentam a atividade 5 ou mais vezes à mesma disciplina.</p>

	à mesma disciplina.	
--	---------------------	--

O *Procura-nos* operacionaliza-se no salão de estudo, onde os alunos podem usufruir de um acompanhamento individualizado (ou pequeno grupo – máximo 4 alunos) por parte de um professor. Para isso, as inscrições são efetuadas *on-line* ou *in loco* com a funcionária responsável, solicitando a hora, disciplina e docente pretendidos. Caso o professor solicitado não esteja disponível a essa hora, há outro que leciona a mesma disciplina pretendida e que o substituirá.

Este projeto, coordenado por um professor, conta com uma assistente técnica, vários professores em horas resultantes dos tempos de escola, reduções do art.º. 79 e professores em ausência de componente letiva.

Funciona entre as 8h30 e as 17h20 (ininterruptamente), de segunda a sexta-feira.

Resultados do projeto

Durante o ano letivo 2013/2014, frequentou o projeto *Procura-nos* um total de 679 alunos. Desde o ano letivo 2009/2010, altura em que este projeto deu os seus primeiros passos até este ano letivo foram contabilizados 3372 alunos. Estes dados confirmam que se trata de um projeto que, ano após ano, tem mantido a sua vitalidade, um projeto consolidado entre a comunidade discente.

A frequência do *Procura-nos*, ao longo do ano letivo em análise, foi diversificada em termos das disciplinas requeridas. Destacam-se como as mais procuradas as disciplinas de Português e Matemática (cf. Gráfico 1), duas disciplinas basilares no nosso sistema curricular e que tradicionalmente requerem um apoio extra por parte dos professores.

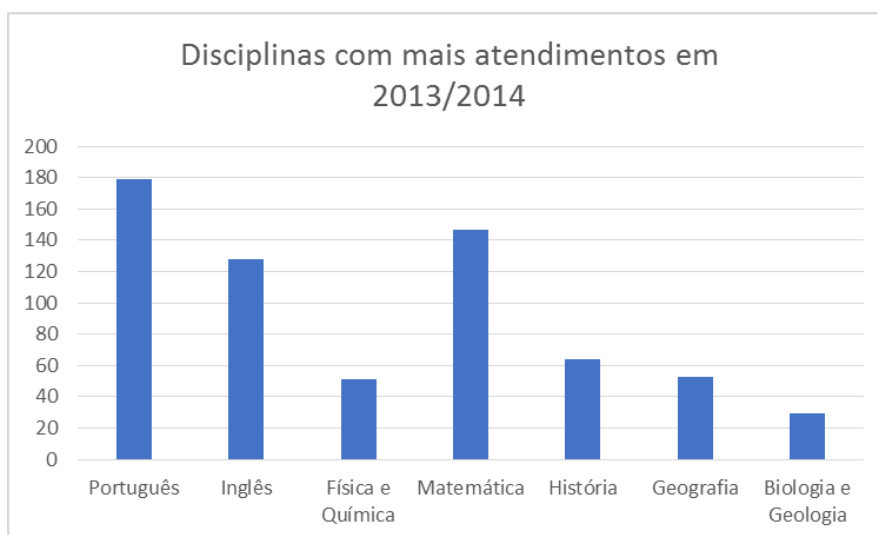


Gráfico 1. Número de atendimentos por disciplina

Acompanhamento e avaliação do *Procura-nos*

Na definição do *Procura-nos* foram previstos mecanismos de acompanhamento e de avaliação:

- (i) Relatórios elaborados pelo coordenador do projeto, no final de cada período letivo;
- (ii) Um relatório final com o balanço de todo o ano letivo;
- (iii) Inquéritos aos alunos elaborados pela equipa de autoavaliação.

Estes mecanismos tiveram como função obter dados objetivos e concretos do funcionamento do projeto, aferir da sua vitalidade e necessidade constantes, verificar as áreas de intervenção a partir da análise das carências dos alunos e rentabilizar os recursos humanos existentes na escola. Estes mecanismos permitiram ainda, sempre que necessário, efetuar reajustamentos com vista à concretização das metas definidas.

Conclusão

O projeto *Procura-nos*, surgindo após a identificação de um problema que afetava a comunidade estudantil da escola, constitui uma evidente aposta numa política de prevenção do abandono escolar e de melhoria da qualidade das aprendizagens dos alunos. O *Procura-nos* pretende ser uma ação de longo curso e com resultados duradouros e abrangentes nas diferentes áreas do saber que compõem os *curricula* em vigor e com total sucesso no âmbito da erradicação do abandono escolar.

A equipa do projeto *Procura-nos* reconhece a importância desta atividade que oferece aos alunos desta instituição um veículo de estudo pertinente, rápido, eficaz no

esclarecimento de dúvidas e promotor de sucesso dos seus alunos. Considera que é uma atividade de muita importância e que deverá continuar em funcionamento, cativando, para isso, mais alunos de modo a que possam incrementar o tão almejado sucesso.

Bibliografia

- Contrato de Autonomia
- Plano de Melhoria
- Projeto Educativo / TEIP
- Relatórios de Autoavaliação
- Relatórios do *Procura-nos*

7 UP: Mais sucesso, menos indisciplina.



Manuela Carvalho²⁴

Em junho de 2013, no âmbito de um Curso de Formação – Desenvolvimento Profissional e Organizacional em Territórios Educativos de Intervenção Prioritária - ministrado pela Católica no Porto e frequentado por um grupo de docentes da ESIC, nasceu o **7 UP: mais sucesso menos indisciplina.**

Este projeto pedagógico surgiu para dar resposta a um constrangimento reiteradamente sentido pelos professores que lecionam o 7º ano relativamente aos resultados escolares ficarem aquém do esforço desenvolvido na prática letiva e, cumulativamente, os índices de indisciplina continuarem com registos preocupantes.

Diagnosticada esta evidência, o 7UP, implementado no presente ano letivo, investiu numa articulação pedagógica alicerçada na constituição de 4 equipas pedagógicas abrangendo as 8 turmas de 7º ano da ESIC.

Melhorar os resultados escolares e reduzir a indisciplina foram definidos como prioridades a atingir com a implementação do UP que tinha como rosto as quatro coordenadoras pedagógicas mentoras das respetivas equipas pedagógicas.

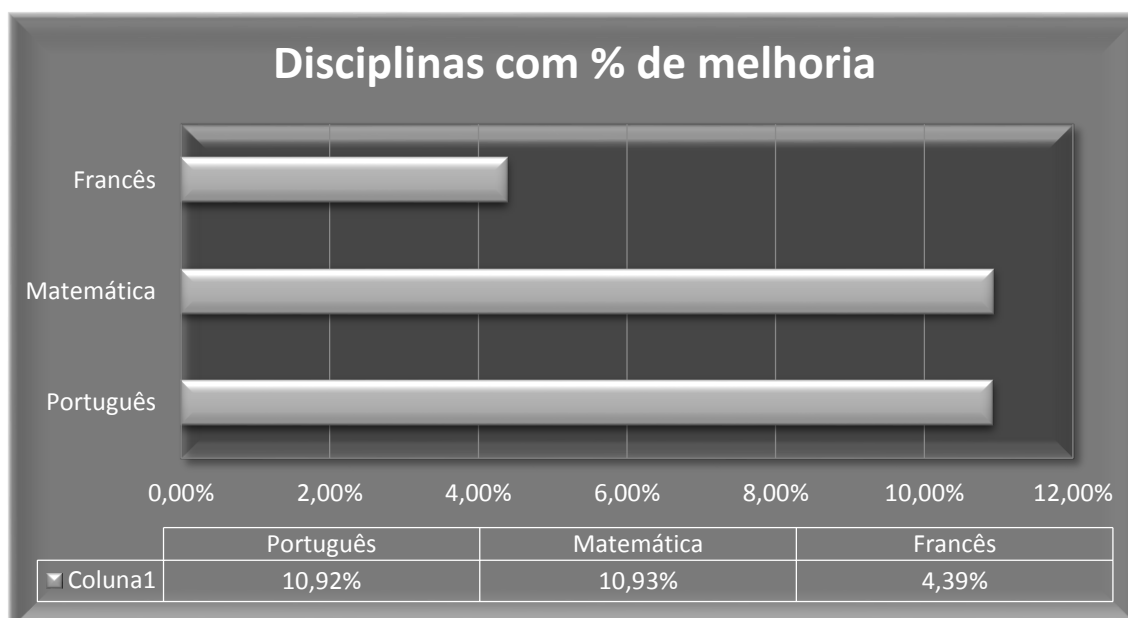
Em julho, após a apresentação do projeto UP aos coordenadores de departamento e de áreas disciplinares, houve uma sensibilização para a importância do trabalho colaborativo e de equipa. Depois da inclusão de docentes voluntários com perfil adequado para lecionar o nível etário do 7º ano de escolaridade, este grupo definiu o perfil do aluno que “ingressa” no UP e estabeleceu objetivos para uma prática letiva centrada no aluno e

²⁴ Coordenadora do PEE/TEIP e Subdiretora da Escola Secundária de Inês de Castro

na construção do seu conhecimento atingindo níveis satisfatórios de autonomia logo melhorando o ambiente educativo e reduzindo as habituais situações de indisciplina.

Ao longo do projeto, semanalmente as quatro equipas pedagógicas traçavam os desafios colocados em contexto de sala de aula fazendo uma articulação interdisciplinar das várias aprendizagens. Em simultâneo, foi implementada uma formação especializada no domínio do português com o intuito de transversalmente haver uma atuação uníssona a nível da utilização da língua materna. Para além deste suporte teórico 17 docentes do UP usufruíram de uma oficina formativa abordando domínios como a planificação curricular, o processo de ensino e avaliação das aprendizagens. Esta consolidação teórica pretendeu reforçar as equipas para oportunamente replicarem as práticas e teorias pedagógicas do UP.

Ao longo do ano letivo realizaram-se momentos de monitorização dirigidos para aspetos relevantes com o intuito de medir o impacto destas metodologias transversais. Assim, cedo se observaram resultados animadores, a saber: aumento significativo da percentagem média da presença dos encarregados de educação na escola – de 66% (2012/2013) para 91% (2013/2014); a redução dos índices de indisciplina foi igualmente significativa tal como a melhoria dos resultados escolares, em especial nas disciplinas de Português e Matemática (mais de 10%):



O culminar da monitorização deste primeiro ano de **UP** foi selado com a divulgação de trabalhos realizados pelos alunos ao longo da implementação do projeto tendo como convidados privilegiados os respetivos pais e encarregados de educação.

Estes momentos abertos à comunidade escolar continham momentos ilustrativos das aprendizagens realizadas nas várias disciplinas, mas também retratavam a interdisciplinaridade desenvolvida pelas equipas pedagógicas com recurso permanente à diferenciação pedagógica em contexto de sala de aula.

Desde poemas produzidos pelos protagonistas do **UP**, os alunos, até a sessões de esclarecimento sobre a aplicação de conteúdos programáticos em estreita proximidade com atividades práticas realizadas noutras disciplinas, diálogos interativos em língua estrangeira, representação de pequenos sketches até à apresentação de frisos transversais do saber todos contribuíram para a construção de um retrato sedutor das aprendizagens do **UP**.

Estes momentos saboreados pelos vários agentes educativos da escola ficaram registados como passos reais rumo ao sucesso de um projeto pedagógico que está a iniciar a sua caminhada, mas continuará a dar frutos no próximo ano letivo através dos **7 e 8 UP: mais sucesso, menos indisciplina**.

Ação... Estratégias facilitadoras... Aprendizagens significativas... Encadeamento...

José Emanuel Ferreira dos Santos²⁵

... não são certamente conceitos vãos num texto bonito de constar num relatório! São o fruto de constantes reflexões da minha atuação enquanto diretor de turma. Acertos e correções, reinícios e mais alterações, constantes na minha atuação sempre para afinar a minha assertividade! “Canseira”!? Pode inicialmente parecer que sim, mas vos garanto que é um esforço recompensado “em dobro”. Ir ao fim da tarde uns minutos até ao portão da escola acompanhar a saída dos alunos para dizer mais um “até amanhã” e entre os “xau’s” e “olha o TPC para amanhã” acabar por cruzar umas conversas rápidas com os respetivos encarregados de educação, passar um ou dois intervalos “grandes” (dos tais vinte minutos) por semana com eles na conversa, à porta da sala de aula, sobre “tudo e sobre nada”, ou ir à cantina ver quem come a sopa e a fruta... acabam por ser “bons investimentos”, novas formas de ver e compreender que vão enriquecer a minha capacidade de agir e de reforçar as condutas ou aprendizagens significativas que quero que transitem o mais eficazmente para os meus alunos da direção de turma. Todos os feedback’s que recebo vão enriquecendo a minha capacidade de atuação mas sobretudo permitir que possa agir com maior rapidez e eficácia, e algo tão simples como isto pode mudar o rumo de “acontecimentos” que por simples inércia do DT podem tomar contornos mais complexos. Só de pensar na eficácia que tem o simples envio de um SMS do DT para um EE ao fim da tarde alertando para a falta da realização do TPC pelo seu educando, de uma qualquer disciplina, naquele próprio dia, já se adivinha a tal eficácia a que me refiro. Ok, foram umas dezenas “largas” no 1º período, que passaram a duas/três dezenas ao longo do 2º período, e algumas pontuais no 3º período, mas os colegas do conselho de turma foram naturalmente deixando de me referir nos intervalos na sala de professores, passando a aproveitar esses momentos para fazer o transito de outras informações menos “burocráticas” mas bem mais produtivas. Como trás referi, “um bom investimento”!

²⁵ Professor do Agrupamento de Escolas de Vilela

“Burocracias”, sim também as há, algumas delas que não são rentabilizadas, ou das quais não consigo, ainda, extrair todo o “sumo” que eventualmente possam dar, pois por vezes ainda me sinto o “músico dos 7 instrumentos” sem saber bem para “que lado me virar”, como por vezes desabafo com os meus colegas e até alunos! Provavelmente assim o seremos, pois temos que nos desdobrar em múltiplas dimensões, e por vezes me questiono qual delas devo “potencializar” e quando? Também não sei “ao certo”, mas posso afirmar que é a capacidade de ouvir os alunos da minha DT, que tenho aprendido e reforçado de ano para ano, que me tem dado boas pistas para tentar ser mais assertivo. De repente o complicado fica bem mais simples...saber ouvir. Saber parar para poder “perder tempo” em pequenas estratégias pode trazer boas surpresas, boas respostas, boas ações, boas soluções...

Neste sentido, e seguindo a sugestão da D.^{ra} Ana Paula Silva, na Oficina de Formação que frequento “A supervisão pedagógica num Conselho de Turma: o estatuto e o papel do diretor de turma” acabei por tentar potenciar mais uma vez essa capacidade de ouvir os meus alunos, desta vez de forma escrita, com uma pequena reflexão que lhes pedi para fazerem, intitulada “Se eu fosse o meu DT o que teria feito de forma diferente?”. Com o que entretanto aprendi na formação agora teria feito um inquérito mais assertivo, tentando perceber melhor o que os motiva, o que os move para a ação, o que lhes facilita a concentração ou o que lhes dificulta a aprendizagem, etc... mas hei-de certamente melhorar esse ato de supervisão do meu desempenho como DT no próximo ano letivo, contudo algumas destas reflexões obtidas já são “valiosas” para a minha procura de assertividade... como se poderá constatar:



Para quê a modéstia?

É uma pessoa especial!!!

Merece todas as glórias!!!

Orgulhe-se de si mesmo! Tudo conseguimos com a sua ajuda...

Reconhecemos... A pessoa maravilhosa que é...

Plantou em nós a semente de uma colheita que será abundante...

OBRIGADA POR LUTAR E SONHAR CONNOSCO!...

OS amigos do 6º RD

Almo Marques	Caterino Souza	Ruilma Morais	Miguel Carneiro
Sofia Nunes	Ygora Mendes	André Zampes	Bruno Brito
Mariana Neto	Filipa Barbosa	Saulo Seal	Eduardo dias
Pedro Santos	Rui Moreira	João Recheco	Diogo Cunha
Gaspar Daniel	Luís Nunes	Alex Pereira	Mário gabriel
Nuno Nunes	Beatriz Mibeiro	Andreia Bento	Rebordosa,
Artur Coelho		Daniela Bastos	2012/2014



Para o melhor diretor de turma de sempre:

*“Um mero professor, apenas aponta o caminho das estrelas;
um professor de verdade ajuda a alcançá-las.”*

Por tudo isto, e muito mais, os alunos da turma 6^º
RD, conferem este diploma ao:

Professor Emanuel

*O tempo passou tão rápido, quanto as mais belas paisagens que a
estrada pode nos dar, daquelas que a gente se acostuma e nem vê, mas
De alguma forma, acabam fazendo parte de nós mesmos.
Sabemos que nem tudo dura para sempre e, por mais que tenhamos
lutado por este dia, já estamos com saudades...*

*Agora resta-nos continuar persistindo para que a obra
iniciada por si, possa refletir o tamanho dos nossos sonhos!...*





Se eu fosse o meu D.T. o que poderia ter melhorado na turma, nas aulas de todas disciplinas, e nos resultados escolares? (05/06/2014)

R: Se fosse o meu D.T. eu teria andado mais encima das pessoas sem confiança e não ter resmungado com as pessoas que não comem alguma coisa (ex. Diogo, Alexandre), não ir assistir a aulas (ex.: ciências, literacia matemática),

Se eu fosse o meu D.S. o que poderia ter melhorado na turma, nas aulas de todas as disciplinas, e nos resultados escolares (5/16/2014)

Creio que o professor devia tolerar menos os ~~erros~~ insultos dos alunos aos professores e aos funcionários e castigar aqueles que ~~se~~ ~~essa~~ agrediram os colegas mais novos e mais fracos. Devia ~~forçar~~ ajudar mais e tolerar mais os erros em trabalhos manuais pois a nossa criatividade pode ser pouca mas tentarmos muito.



5/6/2014

Se eu fosse o meu D.T. o que poderia ter melhorado na tua turma, mas aulas de todas as disciplinas, e mais resultados escolares.

Se eu fosse o meu D.T. ele podia ser mesmo direto e menos burocrático, acho que nos resultados escolares tá bem, mas deve ir à cantina ver se nos estamos, por causa de coisas acho que isto a agir bem.